



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS

CAROLINA PALMA WALTER

**O SOCIALISMO UTÓPICO E A
CRÍTICA À RAZÃO UTILITÁRIA**

Porto Alegre

2011

CAROLINA PALMA WALTER

**O SOCIALISMO UTÓPICO E A
CRÍTICA À RAZÃO UTILITÁRIA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Departamento de
Ciências Econômicas como requisito para
a obtenção do título de Bacharel em
Ciências Econômicas.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Schmidt

Porto Alegre

2011

“As utopias socialistas têm o péssimo hábito de nunca se realizarem, enquanto as utopias capitalistas têm o péssimo hábito de se realizarem com frequência”.

Michel Foucault

“Nada, na história, serve para ensinar aos homens a possibilidade de viverem em paz. É o ensino oposto que dela se destaca - e se faz acreditar”.

Paul Valéry

RESUMO

O objetivo principal desta monografia é fazer uma análise da vida e obra dos principais filósofos, chamados por Marx, de utópicos – Saint –Simon, Owen e Fourier - e através de sua crítica chegar ao materialismo histórico e conseqüentemente no socialismo científico. Para isto, este trabalho mostrará os antecedentes históricos, junto com grande parte da evolução da utopia: de Platão a Morelly. Nesta perspectiva, para finalizar será utilizada a chamada crítica à razão utilitária para mostrar formas alternativas do relacionamento humano, as quais fogem do foco do interesse. Propondo, assim, uma nova perspectiva para o nosso desenvolvimento.

Palavras chave: Socialismo utópico. Socialismo científico. Crítica à razão utilitária.

RÉSUMÉ

Ce travail envisage d'analyser les principaux modèles appelés dans nos jours de socialistes. D'abord, on fera une lecture de la vie et du travail de penseurs comme Saint-Simon, Owen et Fourier désignés de manière péjoratif par Marx comme utopiques. On pourra, de cette façon, caractériser leurs actes selon l'époque. Ensuite, on indiquera le contexte historique ainsi que l'évolution de l'utopie: de Platon à Morelly. On fera ce parcours de la théorie du matérialisme historique jusqu'à la théorie du socialisme scientifique en utilisant la critique de Marx et Engels à ces théoriciens. Pour conclure, on discutera la critique à la raison utilitaire pour montrer les formes alternatives des relations humaines en proposant une nouvelle perspective à notre développement.

Mots – Clés: Socialisme utopique. Socialisme scientifique. Critique à la raison utilitaire.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 ANTECEDENTES HISTÓRICOS	9
2.1 A UTOPIA NA ANTIGUIDADE	9
2.2 A UTOPIA NA IDADE MÉDIA	10
2.2.1 Thomas More	10
2.2.2 Cidade do Sol	12
2.3 A UTOPIA PELA LEI	13
2.3.1 Morelly	13
2.4 AS UTOPIAS ANÁRQUICAS	14
2.4.1 William Godwin	14
2.5 CONTEXTO HISTÓRICO	15
2.5.1 Revolução Industrial	15
2.5.2 Revolução Francesa	17
2.5.3 Primavera dos Povos	19
2.5.3.1 Revolução de 1848 na França	21
2.5.4 Comuna de Paris	22
3 IRRADIAÇÃO DAS UTOPIAS SOCIALISTAS	23
3.1 SAINT SIMON - VIDA E OBRA	23
3.1.1 O pensamento.	26
3.1.2 A Utopia	28
3.1.3 Saint Simonisme	29
3.2 ROBERT OWEN	31
3.2.1 A experiência em New Lanark	32
3.2.2 Socialismo Associacionista	34
3.2.3 Movimento Operário	36
3.3 CHARLES FOURIER	38
3.3.1 Vida e Obra	39
3.3.2 A atração passional	41
3.3.3 Aspectos gerais da “Harmonia”	44
3.4 AS UTOPIAS NO MUNDO	45

3.4.1 A proliferação das utopias.....	46
3.4.2 Alemanha	46
3.4.3 Bélgica.....	47
3.4.4 Espanha e Itália	48
4 A CRÍTICA DO SOCIALISMO CIENTÍFICO AO UTÓPICO	50
4.1 SOCIALISMO FEUDAL	50
4.2 O SOCIALISMO PEQUENO- BURGUESES.....	51
4.3 SOCIALISMO ALEMÃO OU “VERDADEIRO”	51
4.4 O SOCIALISMO CONSERVADOR OU BURGUESES.....	52
4.5 O SOCIALISMO E COMUNISMO CRÍTICOS UTÓPICOS.....	52
4.6 O MATERIALISMO HISTÓRICO	54
5 CRÍTICA À RAZÃO UTILITÁRIA.....	59
5.1 REVOLUÇÃO RUSSA.....	59
5.2 CRÍTICA À RAZÃO UTILITÁRIA	62
5.3 SERIA, HOJE O SOCIALISMO POSSÍVEL?	64
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	66
REFERÊNCIAS.....	69

1 INTRODUÇÃO

Em meio ao grande acervo literário dedicado aos socialistas, inúmeras são as teses, monografias e trabalhos que versam a respeito dos filósofos utópicos do século XIX, como Simon, Owen, Cabet e Fourier. Porém, quando se trata de contextualizá-los, historicamente, a obra desses pensadores não passa de um instrumento para chegar-se no socialismo científico de Marx.

Após 1991, com o fim da U.R.S.S, chega ao fim também, o marxismo leninista e grande parte da comunidade socialista muda seu ponto de vista. Colocando essas teorias em seu lugar merecido, como precursoras do socialismo, mesmo que em um estágio ainda jovem e um pouco imaturo, dentro de seu imaginário trouxeram traços reais. Infelizmente, poucos estudos aprofundam a veracidade desses argumentos. Desta forma, o objetivo deste trabalho é caracterizar a obra desses pensadores relegados por Marx, como parte do pré- socialismo e não como precursores do socialismo científico.

Para tanto, o segundo capítulo desta monografia trará uma visão geral da evolução da utopia, desde a Grécia antiga, com Hipódamo e Platão, até chegar à utopia anárquica de Godwin, junto com os antecedentes históricos que compreendem o período da I Revolução Industrial até a Comuna de Paris. O terceiro capítulo será dedicado aos principais pensadores, chamados por Marx de utópicos: Saint-Simon, Owen e Fourier. Juntos constituem parte das utopias sociais, possuem teorias críticas, concisas e objetivas; situadas não além das fronteiras do início do século XIX. No entanto, com seu olhar fixo no imaginário, recusam-se a crer na evolução e na revolução, acreditando piamente que a força de suas ideias seriam suficientes para mudar as relações sociais, políticas e econômicas.

O quarto capítulo caberá a Marx e a sua devastadora dialética. Já, no final do século XIX, o utopismo estava em vias de desaparecer, ao mesmo tempo em que se consolidava a classe operária que exigiria doutrinas socialistas mais concretas, como a de Marx, a qual preconizava a luta de classes, a transformação das relações de produção, o fim do Estado e a ditadura do proletariado. Assim, será abordada, inicialmente, a crítica de Marx e Engels aos utópicos, passando pelo materialismo histórico até chegar ao socialismo científico, que por sua vez possuía um diferencial: propunha mudanças efetivas para as transformações sociais.

Por último, faremos uma retrospectiva da formação e da ruína da união Soviética e por último, a crítica à razão utilitária para propor alternativas ao relacionamento humano que foge do âmbito do interesse, propondo, neste sentido, uma nova perspectiva ao nosso modelo de desenvolvimento.

2 ANTECEDENTES HISTÓRICOS

2.1 A UTOPIA NA ANTIGUIDADE

Entre os vários povos do mundo antigo, os gregos foram dos poucos que levaram adiante a reflexão sobre o poder e a forma com que se organizava a sociedade. Assim, na Grécia, temos constantemente o aparecimento de utopias comunitárias.

Entre as primeiras, destaca-se a utopia urbanista de Hipódamo. Na sua sociedade perfeita, viveriam dez mil pessoas divididas em três classes: os sacerdotes, os soldados e os trabalhadores. Somente os trabalhadores poderiam possuir terras e as outras classes seriam sustentadas pelas terras do governo. Aristóteles costumava dizer que, “Hipódamo era o primeiro homem que, sem nunca ter ocupado cargo público, apresentou a ideia de uma constituição ideal” (PETITFILS, 1978, p.14). Entre seus discípulos destaca-se Platão, que em seu diálogo mais afamado *A República* (sec. IV a.C), pretendia criar um espaço capaz de tornar todos os indivíduos virtuosos.

Neste lugar, as classes seguiriam a mesma divisão de Hipódamo, e os trabalhadores e artesãos deteriam as riquezas. O poder político seria totalmente separado do econômico e as pessoas que ocupassem cargos públicos, o fariam sem pensar no conforto e nas comodidades, pois estes viveriam em alojamentos simples sem portas nem paredes. Os homens e mulheres viveriam juntos dividindo as mesmas tarefas, o casamento seria proibido e as mulheres seriam compartilhadas entre todos os homens, pois, segundo ele, as relações monogâmicas aflorariam os sentimentos egoístas e isto contrariava a filosofia da cidade.

Em *A República*, usando da dialética, Platão deixa implícito o conflito do seu ser e a realidade de sua época. Era um rico aristocrata ateniense - espartano de coração - e nunca foi próximo das multidões chegando muitas vezes a desprezá-la. Nota-se que em seu “comunismo” prevaleceria um regime aristocrático, no qual mulheres e homens perfeitos conviveriam harmoniosamente e trabalhariam para o desenvolvimento da sociedade. E assim, como quase todas as economias da antiguidade, esta também seria baseada na escravidão. Platão, nunca afirmou que

seu modelo fosse realizável, ao contrário, afirmava que esta república ideal existia apenas nos sonhos (PETITFILS, 1978, p.16).

2.2 A UTOPIA NA IDADE MÉDIA

2.2.1 Thomas More

Depois de muitos anos de trevas na Idade Média, o utopismo ressurgiu junto com o Renascimento - século XVI. Em meio às conturbadas navegações, o progresso técnico e as transformações sociais, muitos começaram a questionar os princípios medievais. Nessa época, surge Thomas More, religioso devotado, advogado famoso, membro do parlamento inglês, o qual se demite de suas funções após o rompimento de Henrique VIII com o catolicismo. Vítima de um processo escandaloso se nega a converter-se a nova igreja, aceitando a morte em seis de junho de 1535, por decapitação.

Em 1515, More, conhecido pela fama de “bom conciliador”, fora enviado a Holanda com fins de restabelecer o comércio. No continente, provavelmente, conheceu vários navegadores, cheios de histórias de povos não ocidentais, lugares misteriosos e grandes impérios como os incas. Essas narrações inspiraram seu célebre livro “*Utopia*”, originalmente chamado de *Of a republic's best state and of the new island Utopia*¹, dedicada ao humanista Pierre Gilles, foi publicado em 1516.

A Utopia, narra o diálogo entre o autor e um homem chamado Raphael Hythloday. Antes do senhor Hythloday contar suas peripécias de viagens, ele mostra a real situação da Inglaterra no século XVI - a miséria e a desgraça em que o povo vivia frente a riqueza da aristocracia agrária. Esta crítica ao capitalismo agrário explica a grande atração de autores marxistas a More e muitos o consideram um precursor. Era cético, não acreditava no poder das revoluções. Costumava dizer que “as consequências destes atos acarretavam dor maior do que o mal que elas

¹ Do melhor estado da república e da nova ilha Utopia

combatiam” (PETITFILS, 1978, p.18), como Platão também não tinha esperanças nas reformas. Assim, como não acreditava no real, se refugiava na utopia.

A ilha Utopia, que levaria o nome de seu fundador Utopus, seria uma ilha separada do continente por um mar artificial. Sua capital Amaurote ficaria em uma península próxima a foz de um rio e seria dividida em cinquenta e quatro cidades estados². Lá, a produção seria planejada e beneficiária a todos igualmente, sendo que para abolir-se o luxo, o trabalho seria obrigatório a todos cidadãos em uma jornada de seis horas diárias com exceção dos magistrados, sábios e ministros do culto. O tempo livre seria dedicado ao lazer.

A propriedade privada não existiria, pois segundo ele, seria impossível ser feliz em um Estado em que a propriedade fosse individual e absoluta. As trocas de bens seriam feitas através das necessidades humanas, um monarca reinaria, mas podendo ser deposto em caso de tirania. O aspecto ascético lembra *A República*, de Platão, mas Thomas defendia o casamento e a religião.

Alguns autores banalizam esta obra, mas sem dúvida, hoje, muitos a valorizam e consideram-na parte importante do pré-socialismo. Compõe o que chamamos de utopias críticas, com ar romanesco, ataca violentamente a Inglaterra mercantil, preocupada em cada vez adquirir mais riquezas às custas da miséria, fome e sofrimento das famílias. Implicitamente, convida os homens a mudar a sociedade em que vivem, mas não propõe nem uma ideia para a concretização. Ao contrário, termina a obra com uma expressão desanimadora “*However, there are many things in the commonwealth of Utopia that I rather wish, than hope, to see followed in our governments*”³ (MORE, 1982, p. 169).

Muitos quiseram dar vida ao almejado desejo de More, assim em 1535, no México, apoiado pelas autoridades locais, o Bispo Vasco de Quiroga tentou estabelecer uma comunidade, voltada para idosos e deficientes, sem propriedade privada e com distribuição de riquezas. Acredita-se ser esta a primeira tentativa no mundo de se implantar uma comunidade utópica.

² Exatamente a divisão geopolítica da Inglaterra no século XVI

³ No entanto, há muitas coisas na Utopia que eu prefiro desejar do que esperar dos nossos governantes. Traduzido pela autora.

2.2.2 Cidade do Sol

Após More, a humanidade esperou cerca de um século para ter contato com outra obra pré-socialista. Em 1599, Tommaso Campanella, vivia o Renascimento inspirado em astrólogos, mágicos, judeus e naturalistas. Foi preso em Nápoles, condenado pela Inquisição por heresia, onde permaneceu por vinte e sete anos. Lá escreveu inúmeros poemas e tratados filosóficos e em 1623, sua principal obra, *Cidade do Sol*.

A nova utopia segue a mesma forma de More, um diálogo entre o mestre dos Hospitalários⁴ e um explorador genovês. Este último, a caminho das Índias descobre a ilha de Topobrana. Neste lugar místico e regido pelo universo encontrava-se a Cidade do Sol, e lá tudo vivia em harmonia.

Os moradores da ilha viriam fugidos da Índia onde teriam sido perseguidos. Como figura principal temos o grande metafísico Hon, assistido por um triunvirato de magistrados: Pon, Sin e Mor, ou seja, potência, sabedoria e amor. O primeiro ocupar-se-ia da guerra, o segundo dos conhecimentos humanos e o terceiro da reprodução. As outras funções caberiam aos cidadãos, não existiria nenhuma espécie de vida privada e tudo seria comum aos solarianos, inclusive, as mulheres, como previa Platão. Nota-se que não são poucas as semelhanças entre esta obra, a de Morus e a de Platão.

Depois de um turbulento período, renunciou a suas filosofias originais e converteu-se ao cristianismo, agradando o Papa, que exige sua libertação. Fixou-se em Roma, onde permaneceu por alguns anos correspondendo-se com teólogos, sábios e estudiosos de todo o mundo. Após publicar *Monarchia Messiae*, foi expulso da Itália e recebido de braços abertos na França por Luís XIII e Richelieu, onde faleceu em 1639.

Após a *Utopia* de Morus e a *Cidade do Sol* de Campanella, era possível ver na Inglaterra, uma mobilização social para por fim a pobreza e as injustiças. Não que tivessem ligação direta com as obras, mas surgiram no século XVII dois movimentos: os *Levellers* e os *Diggers*, obviamente não socialistas, que foram percursos de movimentos mais radicais nos anos seguintes.

⁴ Organização internacional católica que começou como uma Ordem Beneditina fundada no século XI, durante as Cruzadas, mas rapidamente tornou-se uma Ordem militar cristã.

Enquanto uns dedicavam-se as causas políticas outros dedicavam sua vida a escrever obras utópicas e imaginárias. Nesta época, muitos escritores de *best-sellers* surgiram, como o padre Gabriel Foigny e Tissot de Patot, contudo, se há um teórico responsável pela ligação das “utopias retrógradas” com os “novos socialistas utópicos” foi Morelly.

2.3 A UTOPIA PELA LEI

2.3.1 Morelly

Muitos historiadores fascinam-se com as coincidências e mistérios que envolvem este autor, muitos atribuem o significado de seu nome - “pequeno Morus” - a uma referência ao chanceler da Inglaterra, mas outros ainda acreditam existir dois Morelly. Um filósofo sensualista que defendia o despotismo esclarecido e assinava com o seu próprio nome e outro – acredita-se ser seu filho – que assinava como o pai e autor das renomadas obras *La Basiliade* e *Le code de la nature*⁵ – 1735 e 1755 respectivamente - exemplos mais explícitos da construção de uma autêntica e completa utopia na sua época.

A Basiliada seria um lindo lugar, onde viveria um povo modesto e vegetariano, que acreditaria em um único Deus, mas sem devoções exageradas. Morelly tenta mostrar que a ausência de uma propriedade privada, no qual tudo é comum entre todos, faz as pessoas felizes reinando sobre os habitantes o espírito da fraternidade. A obra trata de questões sobre o direito de propriedade, as desigualdades e a formação das classes sociais, daí sua conexão com o socialismo utópico do século XIX. Todos esses temas serão dois anos mais tarde, aprofundados em *Le code de la nature*.

Le code de la nature se passa no futuro, um diferencial que chama a atenção para a época. Esta obra carrega uma crítica radical a Montesquieu e às doutrinas morais dos filósofos, “O trabalho perdeu o caráter atrativo e apaixonante que tinha

⁵ O código da natureza.

na sua origem. Os mais afortunados abandonaram-se a ociosidade, inspirando aos pobres a preguiça e a aversão ao trabalho. Surgindo assim as castas, os feudos” - introdução ao *Code de la nature* (PETITFILS, 1978, p.37).

Três leis fundamentais serviriam de regra à cidade: a primeira extinguiria a propriedade privada, a segunda preveria um sistema geral de assistência (todo cidadão era considerado homem público ocupado e sustentado pelo Estado) e a terceira lei, estabeleceria um sistema de cooperação e sustentação. Essas leis seriam permanentes, todavia, tais leis poderiam ser mudadas e adaptadas às circunstâncias. Nesta sociedade agrária, a abundância das colheitas proporcionaria a redução das jornadas, sendo todo o alimento dividido igualmente e as roupas confeccionadas todas iguais e simples, sem adornos.

Tendo desaparecido a propriedade privada, os homens reencontrariam a virtude lhes dada por Deus, ou como Morelly chama “sentimento de beneficência”. As leis penais, que tem por objetivo punir as faltas contra a sociedade seriam de forma suave e em baixa quantidade. Se como pensava Morelly, a lei havia dominado o homem fazendo com que ele perdesse seu estágio inicial de inocência. Desta forma, existiria contradição em construir uma sociedade baseada em leis econômicas e políticas para combater o luxo e a ociosidade. Assim, não seria necessário acabar de vez com as regras e com todo o sistema jurídico para o ser humano voltar ao estado primitivo de bondade? Foi este o rumo seguido pelo pastor William Godwin.

2.4 AS UTOPIAS ANÁRQUICAS

2.4.1 William Godwin

Entusiasmado com a notícia da Revolução Francesa, esse pastor calvinista, segundo Karl Marx precursor dos anarquistas, acusado de traidor pelos conservadores e exemplo para grande parte da juventude universitária; publica em 1793 a *An enquiry concerning political justice, and its influence on general virtue and*

*happiness*⁶, sendo impetuosamente combatido. Sua obra, não é um texto utópico, porém como dizem alguns pesquisadores, é impregnada por ele.

Para ele, o Estado, as instituições, o direito e a propriedade privada criam laços que fazem o ser humano abdicar do seu julgamento próprio. Alienando ricos e pobres e impedindo que o homem se dedique aos prazeres do espírito. Assim sendo, o homem produto do meio, só evoluiria através da razão. Anarquista e individualista reprova qualquer tipo de associação, considerando o casamento a pior de todas elas. Isso não o impediu de casar-se duas vezes.

Em um futuro não muito distante o Estado seria abolido - assim como todas as coisas más que circundam os indivíduos - e a sociedade evoluiria naturalmente no sentido da razão e dos bons costumes. As relações sociais se dariam pela necessidade mútua de ajuda e não mais pela coerção e poder, tornando-se deste modo, um mestre das pequenas comunidades. Seu otimismo ingênuo e o caráter utópico de seus textos deixam claro que em breve a razão prevaleceria sobre o erro e que sua sociedade ideal viria pacificamente.

2.5 CONTEXTO HISTÓRICO

2.5.1 Revolução Industrial

“Onde quer que predomine o capital, prevalece o trabalho; onde quer que predomine a renda, prevalece a ociosidade”.

Adam Smith

Do Aurélio⁷ “revolução” significa-transformação radical e, por via de regra, violenta, de uma estrutura política, contudo, na metade do século XVIII, este termo “revolução industrial” foi usado pela primeira vez por Arnold Toynbee, para caracterizar o período da história que marcou a transição do feudalismo para o capitalismo. Quando o homem abriu mão de suas ferramentas em prol da máquina,

⁶ Um inquérito sobre a justiça política, e sua influência sobre a virtude e a felicidade geral.

⁷ Dicionário do idioma português, lançado originalmente no Brasil em fins de 1975.

da energia humana em prol da força motriz e da produção manual em prol da produção fabril em grandes quantidades.

Ao longo do século XVIII, a Inglaterra mostrou-se o único país capaz de iniciar este grande movimento e não por superioridade tecnológica ou científica, pois em diversos países encontrávamos cientistas, físicos e matemáticos tão bons ou em muitas vezes melhores que na Inglaterra. Mas sim, pelas pequenas diferenças econômicas, sociais e políticas, que vêm desde os cercamentos, quando os camponeses foram expulsos do campo; junto com a indignação da população burguesa em sustentar a corte através de altos impostos até a reforma protestante de Henrique VIII, que rompeu com a igreja católica e instituiu o calvinismo como doutrina.

Desta forma, o abundante carvão em seu subsolo, as grandes jazidas de ferro, a religião que abençoava os ricos, a grande quantidade de mão-de-obra ociosa e o dinheiro que a burguesia inglesa tinha, facilitavam o ingresso da Grã-Bretanha neste contexto. Todavia, para este processo seguir adiante seriam necessários mercados consumidores. Em consequência disto foram construídas inúmeras ferrovias e portos para escoar a produção, no entanto África e América foram inundadas de mercadorias inglesas, ao ponto de famílias, no Rio de Janeiro colonial, possuírem equipamentos próprios para esportes no gelo.

Com o advento da industrialização e o surgimento da máquina a vapor de Watt (1764) difundiu-se a divisão e a especialização do trabalho, e a produção em escala, que permitiu que muitas pessoas enriquecessem rapidamente. Foi o caso do jovem Owen: “que em 1789 com um empréstimo de £100 em Manchester, por volta de 1809, comprou parte de seus sócios nas fábricas de New Lanark por £84 mil libras. E seu sucesso nos negócios fora relativamente modesto”(HOBBSAWM, 2007, p.61). Em termos sociais, a revolução industrial criou e difundiu duas novas classes: a burguesia e o proletariado. A primeira, detentora dos meios de produção e do dinheiro e a segunda composta pela massa de trabalhadores que vendiam sua força de trabalho em jornadas de dezoito horas em troca de miseráveis salários.

Este contexto desencadeou insatisfação com as condições de trabalho e os proletários começam a culpar as máquinas pelo seu sofrimento. E em 1811, surge o movimento chamado ludismo ou “quebradores de máquinas”, um levante de trabalhadores descontentes que invadem as fábricas e quebram tudo. Anos mais tarde os movimentos passam a ser mais articulados através de uma associação de

operários, hoje denominado cartismo, que solicitava a participação política dos proletários. Anos depois, eles enviaram uma carta intitulada “carta ao povo” ao Parlamento reivindicando direitos, sendo obviamente negados. Apesar da derrota política, em termos gerais, os cartistas conquistaram mudanças efetivas. Pouco tempo depois, tornaram-se as *trade unions*, atuais sindicatos, os quais usavam o artifício da greve para serem ouvidos.

2.5.2 Revolução Francesa

Se a economia do mundo do século XIX foi formada principalmente sob influência da revolução industrial britânica, sua política e ideologia foram formadas fundamentalmente na Revolução Francesa. A Grã-Bretanha forneceu o modelo para as ferrovias e fábricas, o explosivo econômico que rompeu com as estruturas socioeconômicas tradicionais do mundo não europeu; mas foi a França que fez suas revoluções e a elas deu suas idéias (HOBSBAWM, 2007, p.83).

As últimas décadas do século XVIII, não foram muito animadoras para os franceses, pois viviam em uma época de más colheitas, sob alta inflação e altos impostos para manter a corte e os demais sanguessugas que viviam destes privilégios - nesta época, a França tinha em média 23 milhões de habitantes que sustentavam 400 mil nobres. A população vivia em condições insalubres, o dinheiro que restava era mal administrado e destinado à luta pela independência americana e a Guerra dos sete anos e ambos são corresponsáveis pela falência do Estado.

A insatisfação do Terceiro Estado era evidente. Com o mundo aproximando-se do século XIX, a França um dos países mais poderosos e populosos do mundo, vivia em pleno feudalismo, as péssimas safras expulsavam os camponeses do campo e estes vinham para as grandes cidades serem explorados. Assim, articulados pela maçonaria, impregnados da ideologia iluminista e liberal burguesa de Voltaire, Diderot e Locke, a população se uniu com a burguesia para lutar na maior revolução social vivida até o momento.

Em 17 de junho, a reunião do Terceiro Estado proclamou a Assembleia Nacional Constituinte, e logo, todos os privilégios e direitos feudais foram abolidos. No início do mês de julho, começaram as primeiras rebeliões, culminando em 14 de julho com a tomada da prisão da Bastilha, tornando este dia mundialmente famoso e

festejado com fervor até hoje. Sem demora, no dia 26 de agosto de 1789 aprovava-se a célebre “Declaração dos direitos do Homem e do Cidadão”, que alicerçada no lema da revolução “Liberté, Egalité et Fraternité”⁸ previa no seu artigo primeiro:

Art.1º. Os homens nascem e são livres e iguais em direitos. As distinções sociais só podem fundamentar-se na utilidade comum.⁹

E no seu artigo quarto:

Art. 4º. A liberdade consiste em poder fazer tudo que não prejudique o próximo. Assim, o exercício dos direitos naturais de cada homem não tem por limites senão aqueles que asseguram aos outros membros da sociedade o gozo dos mesmos direitos. Estes limites apenas podem ser determinados pela lei.¹⁰

Entretanto, um ano mais tarde, aprova-se a Lei de *Le Chapelier* que proibia os sindicatos de trabalhadores e as greves, com penas que podiam ir até à pena de morte. As insurreições em Paris continuam como protesto contra a fome, a França declara guerra à Áustria. Entra o período da Convenção Nacional dominado pelos jacobinos liderados por Robespierre. Inicia-se o reino do terror, no qual qualquer um que se opusesse ao governo era guilhotinado.

Assim, vai se seguir o curto período da Reação Termidoriana, até que em 1795, a alta Burguesia – girondinos – dá um golpe de Estado, proclama outra constituição e termina o período de participação popular. Por fim, as camadas mais favorecidas conseguem se livrar de dois problemas ao mesmo tempo: da tirania dos jacobinos e do peso do antigo regime.

Contudo, com o descontentamento dos *sans-culottes*¹¹ junto com a frustração dos jacobinos por perderem o poder forma-se o que podemos chamar de primeira revolta comunista da história; liderados por Babeuf, exigiam não só direitos como condições de vida iguais como segue no seu “Manifesto dos Iguais”:

⁸ Liberdade, Igualdade e Fraternidade.

⁹ USP. **Declaração de direitos do homem e do cidadão – 1789**. Disponível em: <<http://www.direitos-humanos.usp.br/index.php/Documentos-antiores-%C3%A0-cria%C3%A7%C3%A3o-da-Sociedade-das-Na%C3%A7%C3%B5es-at%C3%A9-1919/declaracao-de-direitos-do-homem-e-do-cidadao-1789.html>>. Acesso em: 15 mai. 2011.

¹⁰ Idem.

¹¹ Formado pelas classes de baixa renda, foram apelidados deste nome, pois não tinham dinheiro para comprar calças curtas ou como na época “culottes”. Desta forma, usavam calças cumpridas e foram apelidados pejorativamente pela aristocracia da época.

Povo da França!

Durante perto de vinte séculos viveste na escravidão e foste por isso demasiado infeliz. Mas desde há seis anos que respiras afanosamente na esperança da independência, da felicidade e da igualdade [...]

[...] Desde a própria existência da sociedade civil, o atributo mais belo do homem vem sendo reconhecido sem oposição, mas nem uma só vez pôde ver-se convertido em realidade: a igualdade nunca foi mais do que uma bela e estéril ficção da lei. E hoje, quando essa igualdade é exigida numa voz mais forte do que nunca, a resposta é esta: "Calai-vos, miseráveis! A igualdade não é realmente mais do que uma quimera; contentai-vos com a igualdade relativa: todos sois iguais em face da lei. Que quereis mais, miseráveis?" Que mais queremos? Legisladores, governantes, proprietários ricos; é agora a vossa vez de nos escutardes. [...] Chegou a hora das grandes decisões. O mal encontra-se no seu ponto culminante, está a cobrir toda a face da terra. O caos, sob o nome de política, há já demasiados séculos que reina sobre ela. Que tudo volte, pois, a entrar na ordem exata e que cada coisa torne a ocupar o seu posto. Ao grito de igualdade, os elementos da justiça e da felicidade estão a organizar-se. Chegou o momento de fundar a República dos Iguais, este grande refúgio aberto a todos os homens. Chegaram os dias da restituição geral. Famílias sacrificadas, vinde todas sentar-vos à mesa comum posta para todos os vossos filhos [...] (ARAÚJO, 2006).¹²

Para ele, a igualdade só reinaria com a abolição da propriedade privada. O motim terminou antes mesmo de começar e Babeuf foi preso e guilhotinado. O golpe do 18 de Brumário, em 9 de novembro de 1799, marca o início da Era Napoleônica, a que se segue o Consulado e o Império.

2.5.3 Primavera dos Povos

Após a Revolução de 1789, iniciou-se na Europa uma era de incertezas, de angústia e de tormento para as monarquias absolutas, para a igreja e para os aristocratas. Não se sabia ao certo quando, mas tinha-se certeza que em breve enfrentariam insurreições. Com a chegada do século XIX, o advento das guerras pela independência da América espanhola foi a chama necessária para incendiar os murmúrios revolucionários que foram de 1830 até 1848. O antigo sistema tornava-se insustentável, os ideais burgueses se alastravam como uma praga deteriorando o regime servil. O poderio da Igreja era cada vez menor, os aristocratas não tinham mais credibilidade, mas o povo ainda acreditava nos monarcas. A pouca habilidade

¹² ARAÚJO, Fernando A. S. **Manifesto dos Iguais: Gracchus Babeuf, 1796**. Disponível em: <<http://www.marxists.org/portugues/babeuf/1796/mes/manifesto.htm>>. Acesso em: 15 mai. 2011.

burguesa em lidar com os menos favorecidos reforçava esta aliança, afastando, cada vez mais, a intenção de uma revolução de massa.

Com toda esta tensão no ar, começaram a formarem-se vários movimentos originários da experiência francesa de 1789, com o intuito de unir a Europa. Após 1815 existiam três movimentos de oposição, bem diferentes entre si, que por outro lado, possuíam o mesmo ódio pelo regime. Eles eram: os liberais moderados, os democratas radicais e os socialistas. Os primeiros, de origem franco- espanhola, eram compostos pela burguesia rica e inspirados na revolução francesa (uma revolução popular pelas causas da elite). Os segundos, de origem inglesa, formados pela classe média, jogavam com a população pobre usando-os sempre que precisavam e descartando-os pouco depois. O jacobinismo da constituição de 1793 os representava melhor. Por fim, os socialistas de origem anglo-francesa, impregnados de ideias revolucionárias de Babeuf e Auguste Blanqui formavam as vozes do terceiro estado ou em outras palavras: da população menos favorecida.

Com o nacionalismo e os ideais republicanos de 1830, o pensamento europeu mudou e espalhou-se um descontentamento geral. O sofrimento da população, as más colheitas e as crises do novo regime só tornavam estas insatisfações maiores. Desta forma, surgem as revoluções de 1848 - mais conhecidas como a Primavera dos Povos - que impregnadas de liberalismo e nacionalismo tomaram conta da Europa ocidental e oriental. Segundo Hobsbawn (2007, p.163): “O que em 1789 fora o levante de uma só nação era agora, assim parecia, a primavera dos povos de todo o continente”. Trabalhadores enfurecidos foram tomando cidades através de motins e barricadas por toda França, na Alemanha, Áustria e outros tantos centros urbanos. Apesar de seus objetivos “romanescos” para criar uma sociedade mais justa, a primavera fora reprimida com violência. Na Europa, já sentia-se o clima do novo cenário político que se instalaria.

2.5.3.1 Revolução de 1848 na França

Os levantes iniciaram-se na França, onde simpatizantes de movimentos socialistas preparavam-se para uma segunda revolução. Esses motins agradaram a burguesia que queriam a redução do censo eleitoral, aliado aos manifestantes que exigiam a instalação de uma república. Na hora de lutar, entretanto, a burguesia os deixou sozinhos. Unidos com artesãos, estudantes e camponeses, e liderados por Louis Blanc, as barricadas invadiram Paris. Muitos manifestantes morreram, mas isto só aumentou o ódio da população. Acuado e sem ter para onde fugir, o rei Luís Filipe I abdicou o trono. Na França surgia a segunda república.

Instala-se o governo provisório com representantes da alta burguesia eleitos e à oposição imposta por pressão popular, a qual representava o terceiro estado. Apesar de terem conquistado o sufrágio universal masculino e a redução da jornada de trabalho, as condições de vida do povo se mantiveram. Por um tempo, o governo e manifestantes conviveram em uma “angustiante harmonia”, mas a crise econômica só agravava essa relação. Então, com medo de perder o poder a burguesia convocou uma Assembleia Constituinte, no qual socialistas e republicanos concorriam desorganizadamente. Por fim, não elegeram nem 100 candidatos contra os 700 eleitos do partido da ordem, composto pela alta burguesia.

Controlados pelo partido burguês, as aspirações socialistas foram duramente combatidas. Entretanto, não foi o suficiente. Ainda desgostosos com o desemprego e a necessidade que se encontravam, os operários parisienses revoltaram-se e decidiram enfrentar o novo regime. Todavia, a assembleia constituinte promoveu um estado de sítio e deu ao general Cavaignac poderes para combater de qualquer maneira os levantes. Junto com o clero, nobreza e camponeses o general Cavaignac massacrou os manifestantes, dando fim à primavera francesa.

Em 12 de novembro de 1848, fora estabelecida a república francesa e convocada uma eleição presidencial. Com mais de cinco milhões de votos o sobrinho de Napoleão – Luís Napoleão Bonaparte- fora eleito, contra os menos de dois milhões de Cavaignac. Proibida a reeleição, em 1 de dezembro de 1851, Luís Bonaparte repete o feito de seu tio, da um golpe e torna-se imperador. Marx, logo, apelida o golpe de 18 de brumário de Luís Napoleão e diz:

Hegel says somewhere that great historical facts and personagens recur twice. He forgot to add "Once as tragedy, and again as farce." Caussidière for Danton, Louis Blanc for Robespierre, the "Mountain" of 1848-51 for the "Mountain" of 1793-05, the Nephew for the Uncle¹³ (MARX, 2008, p.1).

2.5.4 Comuna de Paris

O governo de Napoleão III envolveu-se em inúmeros conflitos com a Prússia, no entanto, a Prússia estava mais preparada para enfrentá-los. Em uma emboscada, o imperador francês fora preso e assim instalou-se a terceira republica francesa. Legitimando Louis Adolphe Thiers como presidente do governo provisório. Logo que assumiu, Thiers dissolveu o exército e tentou desarmar a população. Os integrantes resistiram e não devolveram suas armas. Saíram pelas ruas e atacaram a sede do governo. Em meio ao vazio deixado pelo governo anterior e a tirania deste novo governo, forma-se a Comuna de Paris. Com caráter radical, o primeiro governo proletário instala-se em Paris. E entre suas primeiras medidas estão a redução da jornada de trabalho, extinção da jornada noturna e pensão para viúvas e órfãos. Tinham-se esperanças que o movimento se espalhasse por toda a França, mas a brutalidade com que foi combatido botou um fim precoce a Comuna.

Thiers, que havia sido derrotado anteriormente, se juntou com a Prússia para combater o novo governo. Desta forma, mais de cem mil homens invadiram a capital francesa, resultando em 20 mil mortos e 35 mil encarcerados em prisões. A Comuna de Paris não deixou heróis, mas foi fonte inspiradora dos chamados bolcheviques na Revolução Russa de 1917.

Neste conturbado cenário econômico e político surgem, de fato, os socialistas utópicos. E como personagens principais temos: Claude Henri de Rouvroy, mais conhecido como Conde de Saint-Simon, François Charles Fourier e Robert Owen. Chamados, ironicamente por Marx de utópicos, pois acreditavam em uma mudança total da estrutura da sociedade sem a luta das classes e o papel revolucionário do proletariado.

¹³ Hegel diz em algum lugar, que grandes momentos históricos e personagens são recorrentes. Ele esqueceu de adicionar: "Uma vez como tragédia, uma vez como farsa". Caussidière por Danton, Louis Blanc por Robespierre, a "Montanha" de 1848-51 pela "Montanha" de 1793-05, o Sobrinho pelo Tio. Traduzido pela autora.

3 IRRADIAÇÃO DAS UTOPIAS SOCIALISTAS

3.1 SAINT SIMON - VIDA E OBRA

A palavra socialismo surge pela primeira vez em 1831, no jornal *Le Semeur*, mas muito antes disso, o vemos preconizada na obra de um aristocrata esclarecido, Conde de Saint-Simon, um entusiasta do seu tempo, que envolvido com as mudanças deixa transparecer, de fato, a classe que ele tanto queria associar: a dos produtores.

Cloude-Henri de Rouvrouy foi um homem apaixonado pela aventura e dotado de uma curiosidade extraordinária. Viveu intensamente todos os momentos, provando, não só por algumas vezes, do gosto da riqueza, mas também do amargor da miséria e da doença. Em suas palavras: "*Mener la vie la plus originale et la plus active possible... Parcourir toutes les classes de la société, se placer personnellement dans toutes les positions sociales les plus différentes et même créer des relations qui n'aient point existé*"¹⁴ (ANSART, 1969, p.5).

Nascido em Outubro de 1760, teve um educação forte e rígida, impregnada dos princípios liberais. Sua família descendia de uma nobre linhagem, que muitos afirmam vir de Carlos Magno¹⁵. Todavia, a sua real situação financeira era outra. Após o rompimento de seu pai com o duque de Saint-Simon, Cloude não herdou nada, a não ser a paixão pela ciência e filosofia. Assim, em 1777, torna-se tenente e dois anos mais tarde parte para os Estados Unidos como capitão do exército do general La Fayette.

O novo mundo lhe mostrara uma sociedade produtiva, comerciante, endinheirada e sem preconceitos ou distinções de nascimento. Encantado com toda esta maravilha retorna à Europa, cheio de ideias, disposto a revolucionar o outro lado do Atlântico que ainda vivia em regime feudal. Quando chegou fora contagiado pelos princípios da Revolução Francesa e, em maio de 1790, solicita a abolição das

¹⁴ Levar a vida o mais original e mais ativa possível. Percorrer todas as classes da sociedade. Situar-se pessoalmente em todas as posições sociais o mais diferente e até mesmo criar relações que não existam. Traduzido pela autora

¹⁵ Carlos Magno, foi o filho mais velho de Pepino, o Breve, que foi o primeiro carolíngio, com a morte de Pepino, o reino franco foi unificado por Carlos Magno

ímpias distinções de nascimento e passa a adotar o nome de Cloude - Henri Bonhomme, para dar o exemplo.

Conseguiu um empréstimo com familiares e amigos e lançou-se na especulação de bens nacionais com a ajuda de Redern - diplomata estrangeiro. Esta é uma fase obscura na vida de Saint-Simon, com poucos dados e poucas explicações. O que se sabe é que seu rápido enriquecimento, suas relações com Redern, a emigração de sua família levantaram suspeitas do Comitê da Salvação Pública e Cloude-Henri foi preso em Sainte-Pelágie. Lá permaneceu por quase um ano, quando os termidorianos os soltaram.

Solto, retorna a agiotagem e corretagem, associa-se ao governo inglês em uma Cia. de transportes. Nesse período, que compreende de 1794 a 1798, sua vida é próspera e o dinheiro é abundante. Entretanto, este incansável aventureiro não consegue acomodar-se e dedica-se a pesquisa científica nos campos da matemática, biologia e anatomia. Nesta mesma época, prepara um projeto para o istmo do Panamá, realizado anos mais tarde por seus discípulos.

Em 1802, escreveu *Lettre d'un habitant de Genève à ses contemporains*¹⁶, que conta a história utópica de um governo comandado por sábios e artistas, que celebram o culto ao mausoléu de Newton. Esta obra um tanto excêntrica é seguida de várias outras *Introduction aux travaux scientifiques du XIX siècle*¹⁷ (1807-1808), *Histoire de l'homme*¹⁸ (1810). E todas estas obras tentam separar a ciência da filosofia e colocam no centro a necessidade de uma ciência do homem.

Seus dispendiosos gastos o levaram a bancarrota. Nesta mesma época, vai trabalhar de copista no Mont-de-Piété e com a morte do empregado que lhe havia acolhido, prova do fundo da miséria. No inverno de 1812 - 1813 foi acometido por uma grave febre. Familiares, amigos consternados, o ajudaram. Meses depois, conseguiu reerguer-se e pode contratar um secretário, Augustin Thierry. Juntos escrevem o tratado *De la réorganisation de la société européenne*¹⁹ (1814), no qual preconiza o surgimento da união das nações europeias, unificadas em um sistema parlamentar e confederado.

¹⁶ Carta de um habitante de Genebra a seus contemporâneos.

¹⁷ Introdução ao trabalho científico do século XIX.

¹⁸ História do homem.

¹⁹ A reorganização da sociedade europeia.

Voltando às pesquisas pluridisciplinares, junto com Thierry, Chaptal e Saint-Aubin Simon escreve *Industrie*²⁰ (1817). Chegando à maturidade do seu pensamento, o progresso técnico e científico torna-se resultado da nova “sociedade industrial”. Contrariamente ao seu significado de hoje, “sociedade industrial” para ele era:

[...] não exclusivamente os proprietários dos meios de produção, mas todos os que concorrem para o enriquecimento material do país: um agricultor que semeia o trigo, um industrial, um fabricante de carroças, um ferrador, um serralheiro, um fabricante de chapéus e de roupas [...]. Esses fazem parte de um conjunto mais importante, o dos “produtores”, que agrupa também os sábios e os artistas que, pelos seus trabalhos e obras, participam igualmente da ação produtiva. Se existem, no interior da classe de “produtores”, diferenças consideráveis de nível de vida, nem por isso eles deixam de fazer parte de uma única categoria, aposta aos “ociosos”, detentora do capital e dois meios de produção, que vivem de suas rendas, impondo seu dízimo sobre a produção [...] (PETITFILS, 1978, p.56).

A partir de 1817, torna-se antiparlamentarista, aproxima-se do socialismo, rompe com o liberalismo e ao mesmo tempo com August Thierry. Com a saída de Thierry, acaba por contratar um jovem de 19 anos - August Comte - que anos mais tarde tornar-se-ia célebre. Impregnado de positivismo torna-se inimigo ferrenho do individualismo liberal. Em 1819, escreve sua famosa coletânea *L'organisateur*²¹ que lhe resultou em um processo escandaloso pelo assassinato do duque de Berry. No 2º fascículo deste texto, encontra-se “a parábola”, uma crítica antigovernamental que demonstra a inutilidade e o caráter parasita da classe chamada por ele de “ociosos”.

Imaginemos, que a França perca, no mesmo dia, Monsieur, irmão do rei, o duque de Angoulême, o duque de Berry, o duque de Orléans, os príncipes e as princesas da Casa da França, os grandes oficiais da Coroa, os ministros, os conselheiros de Estado, os marechais, os cardeais, os ricos. Essa perda causaria, sem dúvida, grande pesar aos franceses, no plano sentimental, mas disso não resultaria qualquer mal político para o Estado (PETITFILS, 1978, p.57).

Foi inocentado das acusações, ganhou muita fama, porém não foi capaz de aproveitar isto ao seu favor. Seus princípios não “enchem os ouvidos” da burguesia e também não contagiam a população analfabeta e carente de tantas outras coisas. De volta à miséria, tenta se matar em 1823, após rompimento com Comte e, mais uma vez, sua família e amigos o auxiliam. Nesta mesma época, jovens

²⁰ Indústria.

²¹ Organizador.

entusiasmam-se pelos seus textos e Olinde Rodrigues, um jovem, rico, israelita o financiou.

Agora como um novo homem, compõe *Du système industriel*²² (1822), e o *Catéchisme des industriels*²³ (1824), obras que traduzem a evolução do pensamento para uma sociedade livre do liberalismo, encaminhando sua vida para um lado mais social. Para ele o sistema industrial acharia soluções pacíficas para as mudanças sociais e políticas. Depois de uma tomada de “consciência”, os “industriais” tomariam o poder e este poder não seria mais alvo de disputas, pois seria extinto. O poder Legislativo teria três câmaras: a da invenção, exames e execução. Um Banco Central seria criado para dividir as verbas entre os produtores.

Como ele mesmo, não tinha certeza de que a ciência seria capaz de suprir as falhas deste sistema, escreve *Le nouveau christianisme*²⁴ (1824), no qual inclui na sua visão de futuro uma religião industrial, voltando seus trabalhos na busca de uma nova moral orientada pelas classes mais baixas. Em suas palavras (SIMON, 1825, p.12): “*La religion doit diriger la société vers le grand but de l'amélioration la plus rapide possible du sort de la classe la plus pauvre*”²⁵. Obra esta, publicada semanas após sua morte, em 19 de maio de 1825.

3.1.1 O pensamento.

De maneira geral, suas reflexões eram fundamentadas em uma ciência do homem, positiva e prática, que faria o homem libertar-se do clero e das castas feudais e assumir o papel que lhe cabia perante a sociedade. Para o autor, “história” teria lugar privilegiado, se tornaria uma ciência exata e fechada, a qual nos permitiria conhecer o passado e assim prever o futuro, como se passado-presente-futuro coexistissem. Contudo, isto seria um processo lento e gradual, alternando crises e apogeu, como fora desde as antigas civilizações. Desta maneira, ele explica: “todas as coisas que aconteceram e que acontecerão formam uma única e mesma série,

²² Sistema industrial

²³ Catecismo dos industriais

²⁴ O novo cristianismo

²⁵ A religião deve levar a sociedade para o grande objetivo: melhorar o mais rápido possível o destino da classe mais pobre. Traduzido pela autora.

cujos primeiros termos constituem o passado e cujos últimos termos compõem o futuro” (RUSS, 1991, p.95).

Ao mesmo tempo em que a classe trabalhadora se desenvolve se percebe o crescimento da ciência em detrimento das reflexões teológicas, o que para Saint-Simon prova que o pensamento é imagem da estrutura socioeconômica. O conhecimento racional libertou o homem de suas angústias religiosas e os colocou na “produção”. Sendo assim, a Revolução Industrial não foi um incidente isolado de uma revolta de classes e sim, um movimento profundo que iniciou uma nova era: a sociedade industrial. Consequentemente, os sistemas políticos (pensamento) não poderiam se separar dos econômicos, e assim, surge o embrião da teoria sintetizada por Marx anos mais tarde: o materialismo histórico. Nesta mesma perspectiva, surge seu conceito de “administração das coisas”, noção esta, que causa simpatia dos socialistas. A economia regeria a política e uma gestão econômica saudável aliviaria o peso governamental.

Como já explanado anteriormente para Cloude-Henri, os industriais não eram exclusivamente os detentores dos meios de produção, mas todos aqueles que contribuíssem para a acumulação da riqueza: agricultores, vendedores, bancários, ferreiros, artesãos, sábios, marinheiros e etc. Juntos, eles formavam um grupo maior chamado de “produtores”, no qual poderia existir diferenças entre os padrões de vida. Entretanto, eles faziam parte de uma classe oposta ao que ele chamava de “ociosos”, e nesta fatia, encontrávamos os aristocratas, sacerdotes, proprietários de terras, legisladores, por conseguinte, a oposição fundamental para ele estava nas vespas (ociosos) e nas abelhas (os trabalhadores) ao invés de patrões e operários, visão esta, dependente da situação econômica e política em que a França se encontrava no século XIX, desconhecendo as grandes indústrias e predominantemente rural.

Quando escreve *Industrie*, ele quer revelar a uniformidade do bloco industrial, no qual todos os membros estão conectados a um único e maior objetivo, a produção. E esta é, na verdade, o sentido da “parábola”, na qual ele cita que a classe dirigente prejudica a nação ao tirar os “produtores” da condição de que deveriam usufruir. Em outras palavras, as instituições políticas não são tão importantes quanto à estrutura econômica do país. Este é o princípio do pensamento de Saint-Simon: a classe dos industriais é uma só, mas com o advento da Revolução Francesa o proletário forma um grupo social com características

peculiares e ele acaba por perceber que a classe dos produtores não é tão homogênea assim.

Em sua última obra, *Le nouveau christianisme*, ele saúda a vinda de uma sociedade baseada no amor. O catolicismo e o protestantismo não teriam mais conexões vivas com a alma dos Evangelhos e a doutrina social faria seu próprio caminho, longe dessas heresias. Como citado em sua obra: “*Le véritable christianisme doit rendre les hommes heureux, non seulement dans le ciel, mais sur la terre*”²⁶. (SIMON, 1825, p.44). Assim, nasce o neocristianismo, centrado no *homo faber*, no qual a vida eterna não é mais a aspiração, e o novo alicerce seria a melhoria na qualidade de vida dos homens. Em razão disto, acaba por confiar a evolução do futuro industrial ao proletariado.

3.1.2 A Utopia

A sociedade industrial torna-se a sociedade do amanhã, e é ela quem modifica as estruturas sociais e políticas. Neste processo de desapropriação das classes dirigentes, se corre o risco de um levante violento, mas para Simon, isto aconteceria de forma natural, sem incidentes. A tomada do poder seria pacífica, pois cada um se conscientizaria do seu papel e de sua missão. Nota-se o otimismo racionalista e ingênuo dos utopistas dos séculos passados: a verdade se estabeleceria sozinha e seria suficiente para mudar o regime.

O que ele tanto queria, diferentemente dos autores do passado, não era a substituição da classe em ascensão no poder, mas sim a destruição deste poder. Visto que, o surgimento da sociedade industrial botaria um fim na disputa entre as classes e seria o início de uma nova era em que a concórdia universal reinaria. Neste contexto de bondade e solidariedade, a função repressiva do Estado não faria sentido, e a França saltaria de um grande celeiro para uma grande manufatura.

O sistema saint-simonista está longe de ser democrático: a velha aristocracia fora substituídos pelos novos grandes industriais, o feudalismo pelo capitalismo e os sacerdotes pelos sábios. Mesmo que tardiamente ele tenha pensado em melhorar a

²⁶ O verdadeiro cristianismo deve fazer os homens felizes, não só no céu, mas na terra. Traduzido pela autora.

situação das classes mais baixas e quisesse tornar o Estado uma “Cia de trabalhadores”, seu sistema continuava dividido e sempre favorecendo mais a uns que outros.

3.1.3 Saint Simonisme

Ainda vivo, Saint-Simon havia conquistado inúmeros discípulos e após sua morte, eles não cessaram em tentar explicar suas teorias e, mais, criaram uma nova doutrina muitas vezes distante das obras do mestre. Pouco mais de dois anos depois da sua morte, Olinde Rodrigues, Infantim, Bazard, Charles Duveyrier, Dr. Bailly e tantos outros alunos da politécnica francesa, realizaram o sonho do mestre e fundaram o jornal *Le Producteur*.

Porém não pararam por aí, alugaram uma sala e lá se reuniam semanalmente para palestrar e dialogar sobre as ideias de Simon. *Le Producteur* fora substituído pelo *L'Organisateur*, cujo primeiro fascículo fora publicado em 15 de agosto de 1829. Lá, naquela pequena sala surgiu uma nova escola, imbuídos dos princípios de Simon, Hegel e Fourier fora lançado a *Exposition de la doctrine saint-simonienne*²⁷. Com o auxílio da obra *Nouveaux principes d'économie politique*²⁸ (1819) de Sismondi, a crítica aos erros do liberalismo ficam mais coesos do que na obra do mestre e, assim, os saint-simonistas se aproximam de um processo pré-marxista. Partem da análise que no presente uma parte da população vive às custas do sofrimento da outra. Uma classe pouco numerosa, mas detentora dos meios de produção a burguesia, que detém a riqueza e suga a força dos trabalhadores. Estes últimos compõe a classe mais numerosa: o proletariado. Assumem a exploração do homem pelo homem como verdade e não temem afirmar que a história fora sempre marcada pela luta de classes.

Esta análise fundamenta-se em um novo aspecto da história. Para Cloude-Henri, a história era como um círculo, no qual tudo caminhava para seu oposto. Em compensação, para seus discípulos, a ideia de progresso fora adicionada e os períodos de ordem e desordem foram substituídos por “épocas orgânicas” e “épocas

²⁷ Exposição da doutrina saint-simonista.

²⁸ Novos princípios da economia política.

críticas”. Desta forma, o progresso tenta reduzir as diferenças e ampliar a sociedade, de forma que, a sorte da humanidade melhore. Seguindo o exemplo da exploração do homem pelo homem; primeiro veio a escravidão, depois o regime servil e agora o assalariamento.

Para eles, o que dificultava a vinda deste progresso era a propriedade privada e com a abolição desse mal hereditário, a sociedade entraria em um reino de oportunidades iguais. Assim, o Estado seria o detentor dos instrumentos de trabalho, e através do princípio da competência os distribuiria entre os trabalhadores, que seriam seus fiéis depositários e administradores.

Eles conservaram o núcleo utópico de Saint-Simon, acreditavam que a harmonia e a concórdia universal tomariam o lugar das guerras e da miséria. Todavia, sabiam também que só a ciência não seria capaz de levar a humanidade a um nível superior. Nesta perspectiva, a escola desaparece e surge a religião saint-simonista, uma espécie de catolicismo despojado, livre dos evangelhos e incontestavelmente panteísta: “Deus é a ordem, o progresso, a unidade, a criação. É o amor infinito que se manifesta como espírito e como matéria” (PETITFILS, 1978, p.66).

Enfantin e Bazard são eleitos pais supremos. A igreja compreende 16 pais do colégio, 2 membros do segundo grau, 39 membros de terceiro grau, pregadores percorrem várias províncias e já em 1830 contagia a elite intelectual do país. Com o surgimento de *Le Globe* – jornal que divulgava as doutrinas de Saint Simon- o movimento atinge seu apogeu. Entretanto, o autoritarismo e os delírios de Enfantin, foram desmembrando um a um dos integrantes. Em pouco tempo, a igreja caiu no ridículo. Os que continuaram foram condenados a um ano de prisão por atentar contra a moral e os bons costumes. Depois de solto, Enfantin parte para o oriente com o último grupo de fiéis, os outros se tornaram banqueiros, engenheiros, industriais, capitães. Construíram os canais de Suez e do istmo do Panamá. Ou seja, de um socialismo sonhador e generoso, passaram insensivelmente a glorificação do capitalismo selvagem.

3.2 ROBERT OWEN

Muito longe de ter uma perspectiva retrógrada, o owenismo foi a primeira das grandes doutrinas sociais a prender a imaginação das massas naquele período, que começava com a aceitação dos poderes produtivos da energia a vapor e da fábrica. O que estava em questão não era a máquina e sim a motivação do lucro, não as dimensões da empresa industrial, mas o controle do capital social por detrás (THOMPSON, 1968, p.804) [tradução da autora].

Embora os problemas políticos, econômicos e sociais não tenham se desenvolvido ao mesmo tempo na França e na Inglaterra, ambas potências compartilhavam das mesmas correntes. À direita tínhamos a aristocracia agrária, à frente do Partido Conservador (ou *Tory*), enquanto à esquerda encontrávamos a burguesia industrial, a qual apoiava o Partido Liberal (ou *Whig*). Fora deste eixo, tínhamos outras duas correntes de esquerda: os radicais e os filantropos spencerianos. Os primeiros nos faziam lembrar o jacobinismo francês, com forte presença do utilitarismo benthamiano, aspiravam muito mais uma reforma estrutural política do que uma transformação nas relações sociais. Já, a segunda corrente, aproximava-se do babuismo – de Babeuf - por seu socialismo agrário e suas conspirações.

Separadamente destes grupos, encontrávamos uma corrente de utopistas sociais, que centravam-se na figura de William Godwin. No entanto, com o desenvolvimento do capitalismo e da era industrial, eles iriam testemunhar uma nova manifestação de suma importância: a obra de Robert Owen, homem generoso, de personalidade forte e inteligência extraordinária. Com suas experiências, ganhou fama e respeito intelectual com ele, pode-se assim dizer, que começou a história do socialismo utópico na Grã-Bretanha.

Vários estágios percorreram seu caminho. Foi de um simples capitão industrial até um pregador messiânico de sua utopia, passando por um filantropo administrador, coproprietário de New Lanark e entusiasta de comunidades autoadministradas. É impossível separar sua biografia de sua obra, pois, ele fez da sua vida uma experiência empírica e colocou em prática todos os sonhos que estavam ao seu alcance. Nesta perspectiva, trataremos dos três principais “Owens” encontrados na sua obra: primeiro o filantropo que dirigia a empresa de New Lanark,

seguido por aquele que se aproxima do socialismo associacionista e por último o encontro deste Owen com o movimento operário.

3.2.1 A experiência em New Lanark

Nascido em 1771, no País de Gales, Owen era o sexto filho de uma família pobre. Desde pequeno mostrava sua inteligência acima do normal e aos sete anos era monitor de sua turma. Aos dez anos, abandona a família e parte para Londres onde torna-se um aprendiz em uma fábrica de tecidos. Em poucos anos é promovido a caixeiro. Logo aos 19 já era diretor de produção em Manchester. Aproveitou-se da prosperidade trazida pela revolução industrial, conseguiu um empréstimo e dez anos mais tarde adquire as quatro fiações de algodão de David Dales - New Lanark - e casa-se com a filha de Dales.

O complexo tinha 1.800 funcionários, sendo que 500 eram crianças, Owen não estava confortável com esta situação e não tinha certeza se conseguiria modificar estas estruturas. Como um notável determinista, acreditava que elementos exógenos transformavam o caráter do homem e logo que, a preguiça, o vício e a desonestidade não são males inevitáveis, mas sim consequências de uma estrutura social inadequada. Mas como seria possível mudar isto? Owen acreditava que com instrumentos pedagógicos adequados, as índoles poderiam ser moldadas, mas isto dependeria da habilidade da “autoridade das nações” - responsável por aplicá-las. Desta forma, agindo sobre as camadas mais baixas da sociedade, podemos transformar a sorte desses indivíduos e criar uma sociedade nova.

Nesta perspectiva, o bondoso patrão esclarecido é fiel legionário da “revolução da razão”. Essa tendência a culpar o determinismo e seu racionalismo ingênuo nos remete a uma corrente chamada *Aufklärung*²⁹, a quem Owen parece ser o herdeiro mais fervoroso no século XIX. Na verdade, não se sabe ao certo quem o inspirou. Sua obra carrega traços de Helvécio, de Holbach e de Volney - todos participantes da Sociedade Filosófica de Manchester. Robert cita inúmeras vezes o misterioso John Bellers, utopista do século XVII, que preconizava um projeto

²⁹ Esclarecimento ou Iluminismo.

de “colégios industriais”, os quais conduziriam a sociedade pacificamente a um estado de harmonia. Seu racionalismo e utilitarismo nos revela conhecimento de teorias de homens do século anterior. Conheceu William Godwin e o filósofo Bentham – fundador da doutrina utilitarista - que participou de perto de suas experiências em New Lanark. Com uso destas principais ideias, em 1813, expõe seu primeiro trabalho importante, *A New view of Society, or Essays on the Principle of the Formation of Human Character*³⁰, dedicado ao príncipe regente.

O sucesso de New Lanark deu a Robert Owen uma reputação invejável. Rapidamente ele planejou a produção, aumentou a produtividade e os salários, diminuiu a jornada. Lutou contra o vício, a preguiça e a desonestidade e conseguiu que os funcionários não fossem passados para trás no comércio local. Dedicou-se na maioria do seu tempo à pedagogia operária e à regeneração moral do indivíduo. Os castigos foram trocados por um sistema de mérito, onde cada um recebia uma cor correspondente ao seu comportamento no dia anterior. Um método simples e um tanto infantil, contudo rendeu bons resultados.

Owen proibiu o trabalho de crianças pequenas, construiu escolas e lá os propiciou métodos modernos de ensino. A criança aprendia livremente, com espaço para formar sua personalidade, não precisando deter-se muito tempo no mesmo objeto. Dança, canto e esportes eram atividades fundamentais. Em suma, o que ele queria era moldá-los em um novo ambiente. Por muito tempo, Owen fora mal visto pelos funcionários que ao mesmo tempo em que não entendiam, desconfiavam deste patrão tão diferente dos outros. Robert venceu os preconceitos quando em 1806, com o embargo norte americano ao algodão, e o fechamento da empresa por quatro meses, ele continuou pagando os salários.

É importante ressaltar que Owen só concluiu seus planos sendo diretor e coproprietário do complexo têxtil, e que fora difícil convencer seus sócios capitalistas que esta experiência daria certo. Há autores que acreditam que esta é a chave do sucesso na primeira metade de sua vida, pois suas condições o faziam manter os pés no chão. Quando se libertou dessas amarras dedicou-se a projetos grandes e dispendiosos de mais, que tendiam ao fracasso.

Mas, enquanto isso não ocorreu, New Lanark fora modelo em toda Europa. Milhares de estrangeiros vinham de todas as partes do mundo para tentar

³⁰ Uma nova visão da sociedade, ou Ensaio sobre o princípio da formação da natureza humana.

compreender o que acontecia ali. Foi chamado de “Meca dos reformadores”, agradando de príncipes a plebeus. Dizem que até Napoleão, no exílio em Elba, solicitou que buscassem os textos de Robert e os leu com paixão.

3.2.2 Socialismo Associacionista

Seu grande sucesso e repercussão estimularam suas ideias de reformas sociais. Ele pensava - que se sozinho ele tinha modificado a vida de tanta gente - imagina o que o governo seria capaz de fazer com suas imensas quantidades de recursos. A partir de 1815 voltou suas atenções para o Estado, na busca de melhorias para a classe operária. Entretanto, após a batalha de Waterloo, quando a Grã-Bretanha vence Napoleão, a economia Britânica cai em profunda depressão. Grande queda nos preços, desemprego em massa, saques e violência levaram a classe dirigente a não saber mais o que fazer. Instalava-se uma situação de anarquia.

Mesmo sem bases econômicas, Owen mostrou-se capaz de reverter o caos em que a Inglaterra mergulhava. Enquanto quase todos culpavam Napoleão, ele dizia que a competição do homem com a máquina era a real responsável pelo problema, e que o próprio sistema tendia ao fracasso, pois primeiro se produzia em excesso, depois reduziam-se os salários, sem pensar que obviamente o consumo despencaria. Para ele, a solução imediata era um aumento real nos salários, desta forma, a demanda colocaria em dia a atividade econômica.

Devido à reputação adquirida em Lanark, Robert foi convidado a expor seu ponto de vista sobre a crise à comissão londrina. Sem demora, produziu o Relatório à Comissão de Assistência aos Operários Pobres (1817), que na realidade era um completo e articulado modelo de reorganizar a sociedade de maneira cooperativa. Ele sugeria que os fundos de sustento dos pobres, fossem destinados à compra de terras e construções de aldeias cooperativas. Em cada uma delas viveriam cerca de 1200 pessoas trabalhando na terra e em indústrias para sua própria subsistência. O excedente seria trocado entre as aldeias. Com cálculos minuciosos ele mostrava a redução de custos, pois os pobres desocupados estariam voltados à produção. Obviamente este projeto seria rejeitado pelos governantes. Anos mais tarde esse

mesmo plano demonstrado de outra forma foi exposto por John M. Keynes, também britânico, mas desta vez os governos atenderam ao apelo e passaram a praticar políticas de pleno emprego que funcionaram cerca de 30 anos, provando a veracidade da tese de Owen mais de cem anos depois.

Com a perda do prestígio, voltou-se para a opinião pública, começou a combater ferozmente a igreja, a propriedade privada e o casamento. Em 1821, retoma seus planos anteriores e escreve *Report to the county of Lanark*, mas agora com uma visão claramente socialista.

O motor a vapor e a máquina de fiar, assim como as incontáveis invenções que originaram, infligiram, no entanto, na sociedade perversidades, que agora superaram os benefícios delas derivados. Elas criaram um agregado de riqueza, e o colocaram nas mãos de poucos, que com sua ajuda continuam absorvendo a riqueza gerada pela indústria de muitos. Assim, a massa da população torna-se meros escravos da ignorância e dos caprichos destes monopolistas, e são muito mais indefesos e miseráveis que foram antes que os nomes de Watt e Arkwright fossem conhecidos. Esses homens célebres e ingênuos foram instrumentos na preparação da sociedade para as importantes e positivas mudanças que estavam por ocorrer.

Todos agora sabem e sentem que os benefícios que estas invenções supostamente trariam para a comunidade ainda não se concretizaram. As condições da sociedade, ao invés de melhorarem, se deterioraram sob as novas circunstâncias que haviam gerado; e agora experienciam um movimento retrógrado (OWEN. 1969, p.5) [tradução da autora].

O epicentro desta obra era a criação de uma sociedade ideal, livre e autossuficiente, com pouca, ou sem nenhuma ajuda do Estado. Os colonos seriam tratados de forma rigorosamente igual, e tudo seria dividido racionalmente. Pouco a pouco, este espírito nobre contagiaria o mundo e criaria um novo sistema social. Neste dia, as comunidades respeitariam o Estado, todavia não se relacionariam muito com ele. Ainda acrescenta que (Owen, 1969, p.53) "*Courts of law, prisons, and punishments, would not be required*"³¹. Neste momento de sua vida, o generoso patrão torna-se de fato, um socialista utópico.

Mas ao contrário de seus predecessores, Owen tinha consciência que ninguém na Inglaterra financiaria um projeto assim. Desiludido, em 1824, resolve partir para os EUA. No primeiro momento, andou o país inteiro ministrando palestras e entusiasmado com a repercussão do seu trabalho, compra a colônia de Harmony no estado de Indiana. Estes 5.000 acres levaram cerca de 30 mil libras esterlinas, parte considerável de sua fortuna. Em 1º de maio de 1825, a aldeia é inaugurada

³¹ Tribunais, prisões e punições, não seriam necessários. Traduzido pela autora.

com 900 pessoas. Os primeiros meses se passaram sem maiores problemas. Nos três anos seguintes, Owen fora autoridade absoluta entre os colonos.

Depois de uma temporada na Inglaterra, Robert retorna a New Harmony sedento por mudanças e pula algumas etapas do desenvolvimento da comunidade e agora esta sociedade provava de um comunismo integral. Logicamente, o empreendimento não resistiu e fracassou. Muitos lamentaram as dificuldades encontradas, alguns condenam a falta de aptidão de Owen outros culpam a falta de uma pré-seleção para os integrantes da comunidade, onde encontrávamos os mais variados fenótipos e personalidades. No fundo, o que Robert queria era mostrar o mal que a propriedade privada acarretava, mas na verdade, o que conseguiu foi torná-la, juntamente com o dinheiro, os bens mais cobiçados de New Harmony.

Owen demorou um tempo para entender o que tinha acontecido ali, mas sem esmorecer foi até o governo mexicano pleitear terras no Texas, a fim de revitalizar sua experiência. Houve outras tentativas semelhantes à Harmony, devido a iniciativas de seus seguidores. Entre estas: Orbiston, na Escócia com Abram Combe e Ralahine, na Irlanda, com William Thompson. Sem mais perspectivas, ele retorna a Inglaterra em 1829, e mais uma vez marca um novo momento em sua vida.

3.2.3 Movimento Operário

Com o seu retorno à Inglaterra, repara que muitas coisas mudaram. O sindicalismo se desenvolveu, houve reforma eleitoral e algumas de suas ideias foram difundidas. Neste contexto de reformas, Owen percebe que estava errado todos esses anos. Primeiro, por pedir auxílio para o Estado e para as classes dominantes e depois por desperdiçar sua fortuna em comunidades utópicas, quando na verdade ele deveria ter buscado o apoio do mundo operário. Com esta linha de pensamento Robert realizou o primeiro encontro do utopismo com o povo.

A partir de 1826, os admiradores de Owen como Thompson, Benjamin Warden, George Mudie haviam incitado a formação de sociedades cooperativas que logo viraram sociedades de produção. Essas sociedades, alguns anos mais tarde, se agruparam numa forma de auxílio mútuo e se realizou congressos, palestras e estudos até 1835. Owen desconfiava um pouco deste movimento tão diferente de

sua obra, mas depois de muita insistência resolveu apoiar. Todavia, o ex-patrão de Lanark, não estava mais tratando com funcionários analfabetos. O quadro mudara, uma vez que o povo de agora lutava a anos por seus direitos, e com certeza discursos bonitos não seriam suficiente.

Desta forma, se seguiu a divisão da corrente. Alguns seguiram Robert, autor da ideia original, outros ficaram ao lado de Thompson; homem prático, idealista, excelente economista e com sede de mudança. Entretanto, a morte prematura de Thompson, permitiu que Owen rapidamente colocasse seus ideais em prática. No plano teórico, ele analisou teorias como a do valor-trabalho, de Smith e Ricardo, mas as direcionou para um lado anticapitalista como preconizava Thomas Hodgskin, John Gray e o próprio Thompson. Ansioso, Robert quis aplicar sua teoria sem demora, e ao mesmo tempo, suprimir o dinheiro - objeto maligno. Mais uma vez sem sucesso.

Após várias pequenas experiências foi criado em Londres (1832), o *National Equitable Labour Exchange*, uma espécie de bolsa de troca no qual o dinheiro foi sucedido por algo chamado de “bônus de trabalho”, onde os produtos eram avaliados pelo tempo consumido na sua fabricação. Com este feito, Owen, passou a construir dentro de um sistema de mercado algo novo chamado de “socialismo”. Depois do pequeno sucesso do início, essa bolsa virou um fiasco e em 1834 desapareceu.

Desapontado, Owen voltou sua atenção para as *trade-unions*, na esperança que elas constituíssem espontaneamente agrupamentos produtivos e autoadministrados. Na sua visão, o sindicalismo não era apenas um movimento em busca de defesa profissional, mas um grande passo para uma futura sociedade socialista. Esta iniciativa deu certo. A primeira vitória conquistada foi a formação do sindicato da construção que agrupava arquitetos e operários, em setembro de 1833 transformou-se em Corporação Nacional dos Construtores. No fim deste mesmo ano nascia em Londres uma grande confederação owenista, que pouco mais tarde, tornou-se a *Grand National Consolidated Trades-Union* com 500 mil adeptos.

Mesmo aberto às mudanças, Owen continuava sonhador, acreditando fielmente que a luta seria desnecessária e que esses sindicatos evoluiriam para um socialismo. Em seu último estágio, se transformariam em Câmara das profissões, substituindo a Câmara dos Comuns. Infelizmente, o encontro do patrão bondoso com as causas operárias fora mera coincidência. A situação miserável que os pobres se encontravam na Inglaterra deixa claro que uma “revolução pela razão” era

inviável. Não demorou muito pra Owen se desentender com seus assistentes J. Morrison e J. Smith, diretores do *The Crisis* e do *Pioneer*, que em suas publicações começaram a pregar a guerra em vez do socialismo oweniano. Esses problemas internos deram fim à experiência sindical oweniana e a todas as cooperativas que giravam em torno das *trade-unions*. Em 1834, com a ajuda de um grupo de fiéis constitui a “Associação unificada, britânica e Estrangeira, do Trabalho, da Humanidade e da Ciência”, e como já diz o nome, um agrupamento filantrópico em busca da união das classes pela federação das comunas autônomas.

O movimento sindical sofre um considerável declínio, mas conheceu novo impulso com o cartismo a partir de 1837. No entanto, Owen continuou indiferente a este movimento e até a sua morte, não recuperou o prestígio que tinha diante dos operários. No ano de 1836, escreveu o “Livro do Novo Mundo Moral” onde leva ao máximo seus ideais utópicos. Seu movimento alastra-se rapidamente, propagandas espalham-se e auditórios lotados ouvem o mestre falar. Em certos momentos, esses movimentos chegaram a ter cerca de 70 mil seguidores virando uma grande seita utopista.

Em 1839, abre uma nova comunidade, esta em Queenwood, Hampshire, mas por falta de recursos fora fechada logo em seguida. Robert Owen morre em novembro de 1859, tendo alguns anos antes começado a pregar mensagens quase religiosas. Contava que no futuro todos pertenceriam a uma única família, cujo inglês era o idioma e este grupo viveria em um patamar sublime e com amor incondicional. Neste lugar, a quem ele deu o nome de “Nova Jerusalém”, os males não existiriam, a paisagem bucólica transformaria o ambiente no último paraíso terrestre. Para ele a primeira “vinda” teria sido a de Jesus Cristo; e a segunda, seria a da ciência, que extinguiria a maldade e levaria o mundo para a salvação cristã. Ele se dizia “pai” dos religiosos racionais. Realmente achava que tinha mostrado ao mundo as “verdades” fundamentais.

3.3 CHARLES FOURIER

Com certeza, o “Cristóvão Colombo do mundo industrial” estaria muito desapontado em ser pendurado na parede dos socialistas utópicos. O que havia de

mais científico do que seu sistema social? Não havia ele combatido com fervor os charlatães Simon e Owen? Na verdade, se existe um sistema que se qualifica perfeitamente no quadro dos quiméricos é o de Fourier. E para entender o auge de seus devaneios devemos abrir mão do “mundo às avessa”- da realidade - e mergulhar de cabeça no “mundo às direitas” - imaginário.

3.3.1 Vida e Obra

Nascido em sete de abril de 1772, filho de um negociante de tecidos, foi criado para o comércio, sem dar muita importância para suas aspirações. Coursou escola normal e, logo aos 17 anos foi trabalhar de caixeiro em uma casa de comércio. Apaixonou - se pela matemática, entretanto amaldiçoava o comércio todo dia: “*Je fis à sept ans le serment que fit Annibal à neuf ans contre Rome: je jurai une haine éternelle au commerce*”³² (ARMAND, 1953, p.9). Mas por ironia do destino, Charles passou a vida toda preso aos negócios.

Para tentar escapar do seu destino, se alistou ao exército, onde acabou assumindo a função de caixeiro viajante. Com a morte do seu pai, teve que voltar a realidade, largando o emprego e dedicando-se a especulação, fazendo uso da fortuna herdada. Inesperadamente, durante o governo do terror de Robespierre, foi preso, e em seguida recrutado pela infantaria. A barbárie deste período fez nascer em Fourier uma aversão mortal à Revolução Francesa e pela violência.

Charles parecia uma caricatura: maniático, resmungão e teimoso. Solteiro convicto, frequentador assíduo de bordéis, confessava seu gosto por *voyeurismo*³³, o que explica, pelo menos em parte, os delírios eróticos de sua obra. Seu imaginário e sua memória brilhante pareciam vingar-se em uma vida medíocre e monótona.

Este homem fanático por números chegava ao absurdo de andar com uma bengala métrica para medir tudo que lhe chamasse atenção. Detalhista, fazia das ideias sentimentos, tudo com uma minúcia doentia, obsessiva e sem fundamentos. Coisas estranhas, antíteses e devaneios predominavam em sua obra, muitas vezes,

³² Eu fiz aos sete anos o mesmo juramento que fez Annibal aos nove contra Roma: Jurei odiar eternamente o comércio. Traduzido pela autora

³³ Prática sexual que consiste em um indivíduo sentir prazer em olhar outras pessoas se relacionarem sexualmente.

lembrando-nos do barroco. Muitos autores acreditam que em determinados momentos Fourier perde a razão e atravessa a fronteira da loucura. Apesar de seus traços excêntricos e pouco realistas, muitos acham que Charles Fourier foi injustiçado e mal interpretado pela tão devastadora dialética de Marx. Não são poucos os que lhe seguiram ou admiraram sua obra e conta-se que vários pontos do manifesto comunista bem como inúmeros discursos de Engels foram inspirados pelas teorias de Charles Fourier. Nas palavras do próprio Engels (PETITIFILS, 1978, p.68) “Fourier mostrou sem piedade a miséria material e moral do mundo burguês”, lembrando, porém tratarem-se apenas de conjecturas.

Aprisionado atrás de um balcão de banco, pouco leu e pouco procurou se inteirar dos acontecimentos, porém isso não foi capaz de frear suas ideias e barrar seu extraordinário espírito inventivo. Depois de alguns textos de pouco interesse publica em 1808, a *Théorie des quatre mouvements*³⁴, tendo como principais fontes Morelly e o século das luzes, retratando nada mais que o típico otimismo da época.

Esta obra não lhe trouxe o sucesso esperado, e somente quatorze anos mais tarde - em 1822- Fourier publica o *Traité da l'association domestique*³⁵. Anos depois, se instala em Paris, e para sua felicidade temporária os críticos da época lançam uma resenha intitulada *Reveu Française*, dedicada a ele, mas no folheto citam “que a única diferença entre ele Owen e Simon, era o jeito grotesco de Charles escrever” (KONDER, 1998, p.13). Ele ficou tão irritado que nem soube apreciar os elogios recebidos de seu mais novo discípulo, Consideránt.

Nesta perspectiva, as seitas de Simon e Owen o deixavam preocupado. Em um primeiro momento, simpatizara com Owen, e até oferecera-se para ajudar, mas com a recusa de Owen, passou a odiá-lo. Assim em 1831, escreve *as Piéges et charlatanisme des sectes de Saint-Simon e Owen*³⁶. Onde mostrava - na sua perspectiva- o que os dois queriam de fato. Em 1835 e 1836, escreveu *Le nouveau monde industriel et sociétaire*³⁷ e *La fausse industrie morcelé, mensogère et l'antidote, l'industrie naturelle, combinée, attrayante, véridique, donnant quadruple production*³⁸, respectivamente.

³⁴ Teoria dos quatro movimentos.

³⁵ Tratado da associação doméstica.

³⁶ Armadilhas e charlatanismo das seitas de Saint-Simon e Owen.

³⁷ O novo mundo industrial e societário.

³⁸ A falsa indústria fragmentada, enganadora e o antidoto, a indústria natural, combinada, atraente, verdadeira, gerando quádrupla produção.

Nesta última obra, temos vários artigos publicados em *La Phalanstère* e *La Phalange*³⁹ e também alguns artigos não publicados em vida, como o livro *Nouveau monde amoureux*⁴⁰, cuidadosamente guardado pelos seus discípulos e lançado em 1967. Pouco a pouco, o escritor ganhava mais fãs, principalmente mulheres que queriam viver no estágio da “Harmonia”. Seus discípulos fundaram um jornal onde escreviam notas e explicavam de forma mais jornalística suas teorias. Ele continuou escrevendo artigos, porém seus seguidores pediram-lhe que ele escrevesse de forma mais acessível e sem criticar de modo tão voraz os saint-simonistas. Não gostando das observações, escreveu para o redator do jornal: “nunca aceitei o termo fourierista”, parou de mandar resenhas. Entretanto, continuou escrevendo cartas para todos os famosos da época em busca de patrocínio para sua falange, sendo que até Simon Bolívar recebeu uma correspondência. Todas ficaram sem resposta

Um deputado o ajudou a colocar em prática seus planos, cedendo a ele um pedaço de terra em Condé-sur-Vesgre e o financiando, esse foi de fato a “falange instrumental” e foi como todos já previam; um fracasso. Houve outra tentativa na Romênia que também ruiu. Ele não desistia, procurando incansavelmente um patrocinador. Com o passar dos anos fica muito doente, recusando a ajuda que os amigos lhe propunham. Desta forma, no dia 10 de outubro de 1837, foi encontrado pela porteira morto de joelhos, todo vestido e debruçado na cama.

3.3.2 A atração passional

Fourier parte da concepção evolutiva da história até agora a humanidade teria provado de cinco estágios fundamentais, sejam eles bons ou ruins: o Éden, a Selvageria, o Patriarcado, a Barbárie e por fim a Civilização. Os quatro primeiros períodos, partem do pressuposto de Rousseau do “bom selvagem”⁴¹, o último, a “Civilização”, é o período em que nos encontramos, caracterizado por uma desordem excessiva, no qual indústria, comércio, casamento não passam de mentiras e erros.

³⁹ A falange.

⁴⁰ O novo mundo amoroso.

⁴¹ Segundo Rousseau a teoria do bom selvagem parte do princípio que o homem é naturalmente bom, nasce bom e livre e sua maldade advém da sociedade.

Consternado com todo o sofrimento que viu em Lyon e em Paris, Charles observa de fato a civilização e seus caminhos para o desenvolvimento. Na sua concepção tudo geraria cada vez mais miséria, e não só os ociosos como previa Simon, mas todos os industriais, banqueiros e comerciantes seriam os responsáveis por essas condições de subvida. Ele também não acreditava que as instituições republicanas seriam íntegras ao ponto de lutar por essas pessoas. O que ele via era uma sociedade onde sempre os ricos ficavam mais ricos, e os operários tendiam a morte de tanto trabalho. Em aspectos confusos, ele previu as ideias de Marx sobre a mais-valia⁴², concorrência monopolista, concentração da renda e empobrecimento das grandes majorias.

Fourier denuncia com veemência o feudalismo mercantil, ataca cada vez mais os saint-simonistas, amaldiçoam os judeus como uma nação desprezível e diz que “não só esses parasitas sociais nada produzem, como também cobiçam a riqueza de outros” (PETITFILS, 1978, p.91). Analisando as 36 espécies de falências, ele chega à conclusão de que o feudalismo mercantil transformou a sociedade em caos. Tudo está baseado neste sistema incapaz de fazer os homens felizes.

Tendo em vista a fragmentação industrial, ele ainda culpa a família monogâmica, pela fragmentação social, e estrutura esta teoria sobre três fundamentos: em primeiro lugar, as paixões impedem o livre arbítrio das pessoas. Esse elo indissolúvel leva a monotonia e a uma violência retraída. Em outras palavras, o casamento é uma prostituição, hipócrita e dentro da lei. As infidelidades provam sua teoria e desta forma, com sua minúcia de maníaco, ele descreve os 64 casos de cornos, desde o “corno potencial” até o “corno póstumo”. O segundo e principal argumento, nos diz que no casamento, a mulher assume um papel inferior ao homem - déspota doméstico - dentro da “civilização”. Ou seja, o sexo forte oprime os outros dois fracos; mulheres e crianças, o que certamente ia contra os princípios de Charles - feminista convicto. Por último, a família tende a voltar-se sempre para si mesma, espalhando o egoísmo e o individualismo; características que impossibilitariam alcançar o último estágio o da “Harmonia”.

Seu sistema baseia-se de fato, numa das ideias mais simples tida até então: as paixões humanas, todas as paixões, são boas por que vêm de Deus. Repudiava a moral em nome da religião, pois estas pregações só queriam nos afastar das

⁴² É o termo usado por Marx para demonstrar a disparidade entre o salário pago e o valor do trabalho produzido. Mais informações através de O capital, tomo II, Marx.

nossas inclinações naturais, uma vez que segundo ele, Deus queria é que todos fizessem o que queriam. Mas e se algumas pessoas tivessem paixões voltadas para o mal? Fourier não negava essa possibilidade, mas como todo bom socialista utópico, acreditava na bondade natural do ser humano. E se isso existisse era culpa da própria sociedade que com seus métodos repressivos afloravam as tendências agressivas do ser humano.

Seguindo esta visão, as paixões foram aprisionadas pela moral excessiva impregnada na nossa ordem social- por isso que o homem viveria em um inferno sobre a terra – e desta forma, agora seria necessário transformar a sociedade e a economia em função do desenvolvimento das paixões. Um mundo livre da moral, da censura, dos males que nos levam para trás. Esse era o verdadeiro sonho de Charles que nem Sade ousou imaginar.

As concepções metafísicas de Fourier se aproximam do panteísmo, algumas de suas definições se parecem com as dos socialistas de séculos passados e seus três princípios metafísicos são: a matéria, a justiça e Deus. Este último representando a atração passional, que dá a forma e ordena a matéria. Não deixando de lado seu fervoroso amor pela matemática, usa fórmulas para calcular as doze paixões fundamentais: cinco sensitivas - visão, audição, tato, paladar e olfato- quatro afetivas - amizade, ambição, amor e “familismo”- e por último as três ignoradas pelo Estado atual, mas são a chave para se entrar no próximo estágio: “borboleteante”, “compósita” e a “cabalística”. A primeira é caracterizada pela mania de variedade, para não cair na monotonia, tornar sempre o trabalho dinâmico, diferente e agradável. A segunda nos remete a uma felicidade completa que reúne os sentidos e a alma. Por fim a cabalística, que nada mais é do que o desejo pelos desafios e a busca por bons desempenhos.

Uma décima terceira paixão reúne as outras doze, e chama-se “uniteísmo”: gosto infinito pela harmonia, filantropia, amor. Na etapa futura da humanidade o egoísmo será substituído por essa paixão. Todas essas concepções hedonistas distanciam Fourier do cristianismo, assim ele se atribui um toque especial e passa a se intitular o “profeta posterior” - tendo Cristo sido o profeta antecessor. Todas essas aspirações ligam Charles a Owen e a Simon, pois todos esperavam o advento de um mundo perfeito, sendo a única diferença o fato de que Fourier sempre negou-se a fazer de sua teoria uma religião. Agora só nos resta analisar economicamente e socialmente o quinto estágio da evolução humana: a harmonia.

3.3.3 Aspectos gerais da “Harmonia”

Em lugar dos salários, entra o jogo das paixões, ou seja, uma economia da boa vontade sobre uma economia do lucro. Na base está: o capital, o talento e o trabalho. Com sua aversão ao coletivismo ele permite que o capital, propriedade privada e dinheiro coexistam em um sistema de “participação escalonada”. Para evitar que a sociedade se polarize entre ricos e pobres, depois que parte do dinheiro fosse destinado a uma previdência social, todos teriam uma renda mínima, modesta; mas, decente e os rendimentos das ações seriam distribuídos de forma que o menor acionista recebia a maior quantia. Sua ideia central era que a sociedade se organizasse de uma forma que todas as paixões humanas pudessem ter livre curso, para produzir uma harmonia universal. Os objetivos dessa ideia eram fazer o trabalho se tornar atraente para todos, o que deveria resultar num aumento de produtividade e produção. Ele acreditava que as pessoas poderiam encontrar dois ou mais trabalhos que lhes dessem prazer e assim se importariam menos com a remuneração. Para os grupos mais indisciplinados, como crianças, por exemplo, seriam incumbidas tarefas; digamos mais repugnantes, como coleta de lixo, limpeza de animais.

A preguiça, só existiria na “Civilização”, pois nesta nova fase o homem seria levado por sua inclinação natural a fazer o que lhe fizesse feliz e desta forma o *Homo faber* daria lugar ao *Homo ludens*, e o trabalho se tornaria atraente simplesmente por que a organização social estaria de comum acordo com a natureza do homem. A alegria substituiria os cenários cansativos e monótonos e sem coação ou represálias o homem se dedicaria ao que lhe desse prazer e assim conceitos como o de lucro seriam excluídos do dicionário. Em suma, a economia adaptar-se-ia ao homem e não ao universo e desta maneira, para Fourier, cada vez mais as pessoas tornar-se-iam produtivas.

O centro de tudo seria a falange, uma célula que agruparia 1620 pessoas, sendo que dentro desta unidade, não haveria igualdade, pois cada um teria uma sala de acordo com o seu poder aquisitivo. A economia, seria baseada em todos tipos de trabalhos agrícolas e manufaturas artesanais, uma vez que processos industriais seriam proibidos. Nota-se que todos os utopistas estão presos a um processo pré-capitalista, no qual são rejeitadas as grandes máquinas. O lazer, teatro e as

refeições eram feitas em comum para desenvolver a sociabilidade, e a gastronomia era exaltada como um verdadeiro rito social.

Com a descoberta do seu último livro em 1967 - o livro do amor - Fourier mostra seu lado mais vulgar, no qual descreve as orgias e o lado promiscuo da noite, até então hipocritamente, proibidas na “civilização”. No entanto, todas estariam dentro da lei na Harmonia. Estabelece um fim a todos os casamentos e relações monogâmicas, com exceção dos velhos, que pela idade poderão ter uma pessoa ao seu lado para lhe cuidar. A poligamia era livre entre mulheres e homens, contudo, ao contrário do que podemos pensar, ele não queria transformar a harmonia em um bacanal, mas sim desencadear todas as paixões e instintos. Teríamos como resultado o amor platônico, forma mais próxima de chegarmos ao Deus Eros.

Devido ao princípio da analogia, no qual mudar a economia e a sociedade nos encaminha para mudanças naturais, na Harmonia a ação divina permitiria a modificação da natureza. O clima equatorial passaria para temperado, a fauna marinha seria substituída por “servidores anfíbios”, os mares deixariam de ser salgados, o ser humano viveria 144 anos e após nove gerações mediria mais que dois metros. Neste mesmo momento, surgirá um homem com um novo membro, um “arquibraço”. Por último as almas que viveram na civilização teriam a redenção

3.4 AS UTOPIAS NO MUNDO

O ano de 1848 marca uma desmobilização do movimento operário e um desalento para países como a Inglaterra e a França, berços do socialismo utópico. O primeiro provou o gosto da derrota com o fracasso do movimento cartista, que era ponto importante das agitações políticas e sindicais. Quanto ao segundo, a fuzilaria da Guarda nacional, coloca um fim na euforia iniciada na revolução de fevereiro.

Nos anos posteriores, com o desenvolvimento do capitalismo industrial, o socialismo saíria do boca a boca e criaria raízes. Em pouco tempo, o proudhoniano, o marxismo e a anarquia proliferar-se-iam em detrimento dos socialistas idealistas de 1848.

3.4.1 A proliferação das utopias

Com a situação pouco animadora em que a Inglaterra e França encontravam – se em meados do século XIX, os ideais utópicos foram aos poucos escapando e se espalhando pelo mundo. E assim, inspirando ou confrontando-se e misturando-se com as teorias locais, difundiram-se. Como segue:

3.4.2 Alemanha

Esse movimento começou e terminou antes de 1848, todos os movimentos posteriores foram influenciados pela França, e não tiveram muita expressão política e social. Devemos o início do socialismo utópico ao movimento chamado *Aufklärung*, impregnado de ideais igualitários. Dois ou três autores escreviam sobre as condições de vida da população. Após esse “pré-socialismo”, por meadas de 1830, começa a penetrar na Alemanha os temas saint-simonistas de autores como Goethe, Heinrich Heine e Eduard Gans (professor de um jovem chamado Karl Marx).

Fourier, também fez vários discípulos como: Franz Stromayer e Heinrich Ludwig Gall, o qual tentou implantar um estabelecimento comunitário nos EUA. Essa ligação com a França agregou ao movimento um caráter religioso, o qual expunha que o advento do comunismo era um retorno ao “paraíso perdido”.

Em 1834 foi criada, na colônia de imigrantes alemães, a Liga dos Proscritos, composto de elementos radicais, religiosos e democráticos admiradores da Revolução Francesa. Seu principal teórico era Wilhelm Weitling, nascido em 1808, de família pobre, viu de perto as necessidades que a população alemã passava, participou dos movimentos revolucionários e suas teorias giravam em torno das correntes utopistas e revolucionárias. Em sua obra *Garantias da harmonia e da liberdade* (1842), ele demonstrava a necessidade de uma revolução operária e condenava o reformismo democrático. Marx, que apreciava muito as teorias de Weitling, anos mais tarde, trataria de demonstrar as contradições de seus pensamentos. Após ter emigrado para os EUA, ele se desligou do comando da Liga

dos Justos e dos movimentos revolucionários e se dedicou exclusivamente a criação de sua utopia.

A única doutrina utópica desenvolvida na Alemanha foi a do Moses Hess (1812-1875). De família rica, rompeu com sua família e originou seu pensamento na síntese do socialismo francês pré 1848 e Feuerbach. Na sua obra mais famosa, *Triarquia Europeia*, temos uma forte crítica ao liberalismo. Para ele, a evolução da humanidade é resultado do esforço da Alemanha com a reforma, da França com a revolução de 1789 e da Inglaterra com sua revolução social em marcha. Ele reuniu um considerável grupo de jornalistas, professores, intelectuais que o ajudaram a difundir suas ideias na Alemanha. Com o nome de “socialismo verdadeiro” (dado ironicamente por Marx e Engels) esse movimento ganhou jornais e revistas famosas. Contudo, em pouco tempo Hess, seduzido pelas propostas do jovem Marx, abdica de suas próprias teorias e acaba colaborando com a edição de *A Ideologia Alemã*, de Marx e Engels, que tinha o objetivo de terminar com os rumores utópicos na Alemanha.

3.4.3 Bélgica

Nasceu após a revolução de 1830, inspirado nas teorias de Saint-Simon e Fourier, no entanto, existia pouca coisa antes do Barão Jean-Guillaume de Colins de Ham (1783-1859), fundador da escola socialista racional.

Poucos homens tiveram uma vida tão inusitada e conturbada como Colins, que foi de tenente do exército belga a médico em Cuba. A partir de 1834, a leitura dos utopistas franceses orienta-o para o estudo das questões filosóficas e sociais. Assim se torna o profeta intransigente e orgulhoso que será até o fim de sua vida. Odiando as lutas políticas, as revoluções e Marx e Engels.

Colins criou uma doutrina global do homem e das sociedades, através de considerações metafísicas, morais, psicológicas, biológicas e econômicas. Não se interessava pela tomada do poder, esperava convencer um “déspota esclarecido” que em um quarto de século, seria necessário arrancar as crianças de suas famílias e lhes transmitir os princípios do socialismo racional. Deixou alguns discípulos e

entre as suas principais obras estão: *Le pacte social*⁴³ (1835), *Qu'est ce la science sociale?*⁴⁴ (1853-1854), *L'économie politique*⁴⁵ (1856).

3.4.4 Espanha e Itália

Na Espanha, tivemos um círculo com inspirações fourieristas, incluindo alguns nomes importantes como Fernando Garrido (1821-1883) responsável pela formação e movimentação dos sindicatos.

Em 1847, surgiu um pequeno movimento cabetista⁴⁶, que publicou em Barcelona *La Fraternidad*⁴⁷, e entre seus representantes temos Monturiol e Rovira.

Temos também, o agrônomo Ramón de la Sagra (1798-1871), o qual encarnou sozinho, na Espanha, o espírito de 1848. Inspirado pelo materialismo de Locke e pelas peculiaridades de Colins e Proudhon acabou por denunciar o socialismo espanhol e pregar o retorno a anarquia.

Com a demora na unificação dos estados italianos, não houve uma corrente autônoma utópica antes da segunda metade do século XIX, e um único nome pode ser destacado, o do advogado Giovanni Momo, autor de um *Ensaio sobre a harmonia social*, no qual se desenvolvia uma espécie de filantropia cristã com fundo fourierista. O primeiro movimento claramente fourierista, surgiu em Gênova em 1876, na escola Societária italiana. A literatura utópica ficou baseada no anarquista Giovanni Rossi e em Carlo Dossi, o qual escreveu um romance chamado *La colonia felice*⁴⁸ (1874).

Através destes teóricos, percebe-se que o chamado “socialismo utópico” não forma um movimento linear. Na verdade, temos um aglomerado de teorias, trabalhos e experiências formados pela inconformidade destes pensadores à realidade em que viveram. O que há em comum entre eles, com exceção da forma “pesada” e “direta” de seus argumentos, era o fugir de uma realidade que aparentemente não tinha solução e escrever um mundo ideal, longe dessas assimetrias. Desta forma, eles

⁴³ O pacto social.

⁴⁴ O que é a ciência social.

⁴⁵ A economia política.

⁴⁶ De Étienne Cabet, filósofo francês também considerado socialista utópico.

⁴⁷ A fraternidade.

⁴⁸ A colônia feliz.

não causaram o alvoroço que acharam que iam causar, e por este fracasso foram intitulados, por Marx, pejorativamente de utópicos. Este termo ficou conhecido como sinônimo de um movimento reformista, que não tinha por objetivo romper com o sistema até então existente. É verdade que neste sistema encontramos vários entraves contra a ordem vigente, contra a burguesia, contra a miséria e contra a igreja. Mas por não proporem nenhuma maneira tangível de mudar este ambiente temos que classificá-los como “um meio termo” entre a aceitação do regime e as lutas de classe. Até então, o socialismo não tinha saído do âmbito teórico, mas com os trabalhos de Marx e Engels se iniciara a mudança desse movimento. Nestes não havia nada de utópico, o que queriam de fato é fazer uma nova sociedade nascer a partir da velha ordem.

4 A CRÍTICA DO SOCIALISMO CIENTÍFICO AO UTÓPICO

Segundo Marx, o contexto no qual seu materialismo histórico vem à tona é caracterizado pela aceitação da submissão das massas em relação a burguesia, mesmo por parte dos cientistas sociais que buscavam resolver os problemas da época.

Seu ponto de vista notabiliza-se por tirar o socialismo do âmbito imaginário e trazê-lo a realidade. Neste momento, é lançado por Marx e Engels o *Manifesto do Partido Comunista* – 1848 – que vai além da já identificada relação burguesia x proletariado, apontando a posterior e inevitável vitória das massas e a conquista da ditadura dos trabalhadores.

Nesta mesma obra, são identificadas as vertentes do movimento socialista que até então o mundo ocidental conheceu, a saber: o socialismo feudal, o socialismo pequeno-burguês, o socialismo alemão, o socialismo conservador ou burguês e por último o socialismo crítico utópico.

4.1 SOCIALISMO FEUDAL

Considerando que as condições históricas que opunham as aristocracias tradicionais à burguesia apontavam a supremacia do segundo sobre o primeiro, de modo que não havia plano que não o literário em que a nobreza pudesse apresentar resistência. Neste sentido, nasce o socialismo feudal, reproduzindo em panfletos o som do passado, muitas vezes acertando o seio da burguesia. Não passava, contudo, de um movimento inconformado com as transformações sociais e com a nova classe em ascensão.

Conclamava o povo a ficar do seu lado, tentando mostrar que o sistema feudal não fazia tais distinções de classe, entretanto, esquecendo de que a burguesia era fruto das assimetrias do sistema em questão. Sua crítica não tinha fundamento, uma vez que condenava a burguesia pela criação de um proletariado revolucionário em vez de condená-los por simplesmente tê-lo criado. Dentro deste movimento, ainda havia o socialismo clerical, baseado nos princípios da igreja

católica. Estes últimos, tão pouco ajudavam os pobres, não buscando mudanças eram apenas o rancor da aristocracia traduzido em religião.

4.2 O SOCIALISMO PEQUENO- BURGUEÊS

A nobreza não era a única classe sobrepujada pela alta burguesia. Havia neste momento uma pequena burguesia formada pelos artesãos e pequenos agricultores, renegada e falida devido à concorrência desigual. Em países como a França, em que mais da metade da população era camponesa, era normal que os escritores apoiassem o proletariado - ainda que pequeno – e os camponeses contra a burguesia. Surge então, o socialismo pequeno-burguês ou socialismo do pequeno campesinato, do qual Simon de Sismondi era seu melhor representante.

Esse socialismo demonstrou de forma clara as contradições do sistema burguês, mostrando sua problemática e desmistificando as teorias dos economistas. Seu problema estava na incansável busca ao passado visando a restauração do antigo sistema e com isso, voltar com as diferenças de castas, acabar com a produção em escala e voltar a produzir na forma de corporações de ofícios. Nas palavras de Marx (2010, p.68) “Em ambos os casos, esse socialismo é simultaneamente reacionário e utópico”.

4.3 SOCIALISMO ALEMÃO OU “VERDADEIRO”

As correntes socialistas inglesas e francesas chegaram à Alemanha enquanto esta tentava se livrar do absolutismo feudal. Nestas condições, a literatura francesa e inglesa perdia seu real significado, e assumia um caráter puramente literário. Os filósofos alemães se apropriaram dos ideais franceses e as colocaram de acordo com a sua realidade.

Essa “tradução” dos escritos franceses foram chamada de “filosofia da ação” ou hipocritamente de “socialismo verdadeiro”. A dicotomia francesa entre possuidores e despossuídos tornou-se o interesse geral da natureza humana,

humanidade esta, que não pertenceria a nenhuma classe. Na realidade, este movimento foi o alento necessário para os governos absolutistas alemães combaterem com fervor a burguesia ascendente. Este socialismo “verdadeiro” pretendia manter as antigas oligarquias suprimindo de uma vez só a burguesia e o proletariado revolucionário.

4.4 O SOCIALISMO CONSERVADOR OU BURGUEÊS

Formado por economistas, filantropos, industriais entre outros, pretendia curar as problemáticas da sociedade dentro dos princípios burgueses e desta maneira, evitar possíveis rebeliões e greves. O que eles queriam era manter um bom convívio dentro da sociedade por eles criada, sem ter que se preocupar com os perigos decorrentes da existência de uma classe trabalhadora insatisfeita.

Nesta perspectiva, propunham melhorias de vida para a classe trabalhadora, tornando-a uma marionete, que acabaria se conformando e aceitando as condições do modo de produção burguesa. Sem questionar o direito de propriedade e alterar as relações entre o capital e o trabalho, este movimento não passava de uma forma pomposa de dizer que burgueses seriam sempre burgueses e que a classe dos trabalhadores estaria sempre submetida a eles.

4.5 O SOCIALISMO E COMUNISMO CRÍTICOS UTÓPICOS

O socialismo em sua vertente mais completa, o comunismo, é fruto da dicotomia entre capitalistas e trabalhadores e da anarquia que envolve a produção. Os grandes pensadores do século XVIII foram os responsáveis pela germinação das ideias revolucionárias que desencadearam inúmeras revoltas no século XIX. Sabe-se, no entanto que eles questionavam e muitas vezes criticavam impiedosamente a ordem vigente, mas sabemos também que essas “novas” perspectivas de realidade não passavam de construções baseadas em princípios burgueses.

Os grandes filósofos deste período não podiam romper com a realidade da sua época. Primeiramente, pela condição prematura em que a classe proletária encontrava-se. Segundo, pela falta de condições materiais para a consolidação da classe, condições estas que só passaram a existir depois que a sociedade burguesa estava completamente formada.

As contradições deste sistema eram formadas entre aristocracia e burguesia - esta última vitimada e considerada parte sofredora da sociedade. Ao mesmo tempo em que a nova classe em ascensão estava preocupada em defender os “direitos de todos” contra a nobreza, não percebeu que problemas começavam a surgir dentro do regime que propunha. Mais uma vez, o regime corrente criava dentro de si a contradição para terminá-lo.

Os socialistas do século XVIII tentavam instalar na forma de um império da razão, seus sistemas sociais. Por este motivo, estes pensadores que, apesar de inserir na sua obra a diferença de classes, não consideravam o proletariado uma força política concisa. Com a Revolução Francesa, esse império da razão instala-se, e podemos perceber que este não faz parte de uma razão absoluta e sim da razão de poucos notáveis mais favorecidos. Com a instalação da nova sociedade, o antagonismo entre pobres e ricos aumentou e os vícios feudais tão combatidos anteriormente agora faziam parte do submundo burguês. Em suma, o “triunfo da razão” resultou em tristes e decepcionantes caricaturas (ENGELS, 2005, p.45).

À medida que a sociedade burguesa expandia-se, surgia a necessidade de que filósofos tratassem dos problemas resultantes. É neste cenário que surgem Simon, Owen e Fourier. Todavia, o impasse entre burgueses e proletários encontrava-se no período inicial. Verificando-se a veracidade das palavras de Hegel: “a coruja de Minerva levanta voo somente ao entardecer” - numa alusão a filosofia clássica- como escrever sobre a luta de classes, se no seu tempo as classes ainda não eram bem definidas? Para eles, os proletários simplesmente não existiam, nem formavam uma classe. Era apenas um pedaço da parte sofredora desta nova sociedade.

Consequentemente, refugiavam-se no imaginário para criar sociedades sem distinções de classes, no qual tudo seria perfeito. A propaganda seria esses modelos colocados em prática. Automaticamente, as pessoas perceberiam que essas experiências seriam válidas e transformariam o seu modo de pensar. Este é o motivo pelo qual eles abominam a tomada do poder por vias político – revolucionárias. Mal

sabiam eles que quanto mais perfeitas e minuciosas fossem essas comunidades, mais fortemente elas tenderiam ao fracasso.

Apesar de seus aspectos sonhadores, essas teorias possuíam elementos críticos que ajudaram a classe proletária a enxergar sua verdadeira condição. No entanto, a evolução destas teorias era inversamente proporcional ao desenvolvimento histórico, pois, quanto mais se via a necessidade da luta de classes, mais eles refugiavam-se em suas utopias sociais. As concepções de Simon, Owen e Fourier foram por muito tempo, o pensamento socialista do século XIX, mas para transformar verdadeiramente este socialismo em ciência seria necessário primeiro trazê-lo para a realidade.

4.6 O MATERIALISMO HISTÓRICO

Marx e Engels, embora fizessem parte das camadas mais abastadas da sociedade, desde jovens apresentavam uma postura voltada para as classes menos favorecidas. Em seus estudos sobre o modo de produção capitalista tinham como principal objetivo propor uma radical transformação política, econômica e social. Marx e Engels, na tentativa de explicar e superar o fenômeno que foi o capitalismo, escreveram vários livros, e produziram conceitos fundamentais, não só, para estudiosos, mas também, para todos os homens. Desta forma, eles apresentaram para o proletariado as formas de dominação exercidas sobre eles e viram suas palavras disseminadas, ganhando o âmbito revolucionário.

Herdeiros dos pensamentos críticos de Hegel e Feuerbach, a dupla retirou o núcleo da dialética do primeiro e o aspecto central do materialismo do segundo. Hegel fazia parte da moderna filosofia alemã, cujo ponto culminante era a dialética, como forma de pensamento. A “nova” dialética de Marx descreve a natureza como um estado de movimento constante, um agrupamento de vários elementos interligados que dependem uns dos outros. Nada pode ser analisado separadamente. Para se entender um fenômeno aleatório, temos que estudar o conjunto todo. Esta dialética argumenta que o processo de desenvolvimento sempre passou por mudanças radicais e, no seu mais simples entendimento, porta contradições internas,

seja de um objeto em específico seja de um fenômeno da natureza, pois tudo possui dois lados. Traduzidas as palavras de Engels (2005, p.68):

A filosofia alemã encontrou seu apogeu no sistema de Hegel, em que pela primeira vez - e aí está seu grande mérito - se concebe todo o mundo da natureza, da história e do espírito como um processo, isto é, em constante movimento, mudança transformação e desenvolvimento, tentando além disso ressaltar a íntima conexão que preside esse processo de movimento e desenvolvimento. Contemplada deste ponto de vista, a história da humanidade já não parecia um caos inóspito de violências absurdas [...].

Já Feuerbach era conhecido pela sua teologia humanista e ainda jovem, renúncia aos estudos da teologia para tornar-se aluno de Hegel. Em 1839 compõe “Sobre Filosofia e Cristianismo”, obra que mais inspira Marx. Ele diz que a religião é uma forma de alienação humana, que ao invés de projetar o homem como ele é, o projeta sobre um ser supremo. O homem é aquilo que ele come e nega-se o conceito de que a ideia exista antes da matéria.

C'est ce qui explique pourquoi le côté actif fut développé par l'idealisme en opposition au matérialisme, mais seulement abstraitement, car l'idealisme ne connaît naturellement pas l'activité réelle, concrète, comme telle. Feurbach veut des objets concrets, réellement distincts des objets de la pensée, mais il ne saisit pas l'activité humaine elle-même en tant qu'activité objective⁴⁹ (MARX e ENGELS, 2008, p.21).

O materialismo marxista pressupõe que todos os acontecimentos naturais são materiais, partindo do princípio de que todas as coisas fazem parte de uma realidade objetiva, existindo independentemente da consciência. Para Marx, o mundo, as leis, os fenômenos são todos conhecidos, não há nada que não possa ser conhecido. Existem coisas a serem descobertas, mas que em breve a humanidade tomará conhecimento e as colocará em prática. Sintetizou-se o materialismo dialético, levando este nome, pois a sua forma de considerar os acontecimentos da natureza e seus métodos de investigação eram contraditórios e a sua concepção dos fenômenos da natureza era materialista.

O materialismo histórico surge como fruto do materialismo dialético. Marx utilizou a dialética para explicar as importantes mudanças ocorridas ao longo do desenvolvimento da humanidade. Ou seja, ao estudar um fato histórico ele buscava

⁴⁹ Explica por que o lado ativo foi desenvolvido pelo idealismo em oposição ao materialismo, mas somente abstratamente, por que o idealismo não reconheceu naturalmente a atividade real, concreta enquanto tal. Feurbach pensa nos objetos concretos, realmente distinto dos objetos do pensamento, mas ele não capta a atividade humana em si enquanto atividade objetiva. Traduzido pela autora.

as contraposições que fariam aquele fato se transformar em um novo, dando continuidade para o processo histórico. Em outras palavras, ele estende os princípios do materialismo dialético ao estudo da história da sociedade. Em consonância, o socialismo já não era mais uma descoberta de algum filósofo genial, mas sim, o fruto tão esperado da disputa histórica das duas classes fundamentais: opressores x oprimidos. Agora, sua missão deixava de ser, a proposta por Simon, Owen e Fourier. Como filho do conflito ele surgia para investigar suas causas e buscar soluções.

O socialismo que conhecíamos, não era capaz de explicar a lógica capitalista e por isso, se contentava em criticá-lo. Entretanto, com as conclusões de Marx sobre o materialismo histórico e a mais-valia, o modo de produção capitalista estava devidamente explicado. “E graças a elas o materialismo converte-se em uma ciência, que só nos resta desenvolver em todos seus detalhes” (ENGELS, 2005, p.67).

A teoria materialista da história nos mostra que a forma atribuída a sociedade é fruto da produção e da maneira como são distribuído os produtos dentro dela. Considerando que a produção nunca se mantém por muito tempo igual (dialética), como evidenciado nas transições da pedra lascada até a produção industrial passando pela pedra polida, o artesanato e a manufatura. Por essa abordagem, mudanças nos modos de produção provocam alterações no regime social - passou-se pela escravidão, servidão e chegou-se ao trabalho assalariado - e essas mudanças, provocam reações no regime político. Outro fato importante da produção é o desenvolvimento das forças produtivas, que por sua vez formam o elemento mais móvel e revolucionário da produção. A partir destes elementos, as transformações esperadas devem ser procuradas em conclusões de cunho econômico, e não mais nas concepções dos filósofos sociais.

Marx e Engels fazem uso destas definições para compreender o sistema capitalista e principalmente compreender suas assimetrias. Neste momento, o socialismo deixa de ser utópico e passa a ser científico.

Tudo havia mudado. Os princípios feudais ruíram rapidamente e nesta mesma velocidade o modo de vida burguês se instalara. Agora, o capitalismo estava livre de suas antigas amarras e podia se desenvolver. No entanto, na medida em que ele se desenvolvia, as forças produtivas que o moviam também se multiplicavam. De forma análoga, aos artesões e às manufaturas que se chocaram contra o seu tempo, a burguesia aproximava-se do mesmo fim. As novas forças produtivas que

anteriormente eram contidas agora estavam cansadas desse sofrimento. O combate entre essas forças e o modo de produção era latente, e caberia ao socialismo moderno, estabelecer as condições materiais suficientes para a classe operária sair vitoriosa.

Na Idade Média, os homens, sejam eles livres, servos ou vassalos produziam na sua propriedade, para seu próprio consumo e com seus meios de produção. Lentamente, desde o século XV este quadro foi se invertendo. É lógico pensar que se os meios de produção continuassem individuais, a burguesia não teria alcançado o estágio de desenvolvimento que alcançou; por isso os meios de produção passaram a ser sociais e manuseados por vários homens. Aos poucos a divisão do trabalho foi sendo introduzida, em seu apogeu, ninguém mais dizia que determinado produto era seu. O novo modo de produção sob controle do capital era o reflexo da nova sociedade e a produção individual foi gradualmente extinta pela concorrência da produção social.

Ainda na Idade Medieval, o produtor utilizava suas matérias-primas e sua força para fazer o seu produto, e, nos poucos casos nos quais se possuía ajuda, “o auxiliar” ganhava além do salário, outra compensação: comida, conhecimento ou simplesmente experiência. Na sociedade burguesa:

[...] o proprietário dos meios de trabalho continuava apoderando-se do produto, embora já não fosse um produto seu, mas fruto exclusivo do trabalho alheio. Desse modo, os produtos, criados agora socialmente, não passavam a ser propriedade daqueles que haviam posto realmente em marcha os meios de produção e eram realmente seus criadores, mas do capitalista. Os meios de produção e a produção foram convertidos essencialmente em fatores sociais. E, no entanto, viam-se submetidos a uma forma de apropriação que pressupõe a produção privada individual, isto é, aquela em que cada qual é dono de seu próprio produto e, como tal, comparece com ele ao mercado [...] (ENGELS, 2005, p.74).

A incoerência entre a produção social e a apropriação burguesa, nos mostra a incompatibilidade entre o proletariado e os capitalistas. Sem perceber, ao converter cada vez mais indivíduos ao trabalho fabril, a burguesia, estava criando a força que faria a revolução e tornaria a produção social propriedade do Estado. Ao mesmo tempo, que essas transformações acontecem, essa massa deixa de pertencer a uma classe, até por que a sociedade dividida em castas também seria extinta. Ao não mais existir nenhuma classe, o Estado perde sua função repressora e passa a ser desnecessário. Seu primeiro e último ato, como Estado existente é a posse dos

meios de produção em nome da sociedade: “[...] o Estado não será abolido, extingue-se” (ENGELS, 2005, p.89)

Durante o século XIX, burgueses e proletários mergulharam em profundas crises e isso demonstra que o capitalismo não era um sistema tão sólido quanto parecia. As assimetrias estavam dentro dele mesmo: enquanto uns tinham muito, outros não tinham nada. As principais crises se deram pela falta de suficiente mercado consumidor, pois o que os produtores ganhavam era muito pouco para manter o comércio aquecido. A apropriação social dos meios de produção traz grande riqueza para quem os detém, mas também traz consigo, desperdício, devastação das forças produtivas e superprodução os quais conseqüentemente culminam em crises desastrosas.

Pela primeira vez na história da humanidade surge a possibilidade de oferecer a todos os indivíduos uma sociedade que acolhe, sustenta e satisfaz completamente as necessidades físicas e materiais. “É o salto da humanidade do reino da necessidade para o reino da liberdade” (ENGELS, 2005, p.93).

Inegavelmente, as teorias propostas por Marx são as que possuem maior número de elementos a serem pesquisados, e bem como inúmeras interpretações. É este leque de possibilidades que a torna tão apaixonante. Todavia, mostram-se em alguns pontos ingênuas e utópicas. Do mesmo modo que Marx e Engels destinaram páginas de seus nobres livros para ridicularizar os socialistas utópicos do século XVIII e XIX, são hoje, inúmeras vezes recorrentes do próprio veneno. Da República de Platão ao Comunismo de Marx, todos seguiram as pedras das utopias. No século XX, o sonho coletivista ruiu, junto com a União Soviética, consolidando cada vez mais o capitalismo e o individualismo. Na verdade, o principal erro de Marx era achar que com o comunismo no poder a luta entre as classes chegaria ao fim.

5 CRÍTICA À RAZÃO UTILITÁRIA

Apesar de reconhecermos que o sonho socialista sucumbiu em 1991, com o fim da União Soviética, seria ingênuo afirmar que este modelo não é possível, até por que ele nunca foi implementado de maneira efetiva. Mesmo sendo a sociedade do novo *millenium* alicerçada nos princípios neoclássicos e na busca pelo interesse próprio, ainda existem pessoas que acreditam na transparência dos gestos humanos e na possibilidade de uma sociedade de todos. Então, por que o modelo coletivista russo ruiu? Seria o socialismo, hoje, um modelo factível?

5.1 REVOLUÇÃO RUSSA

Ainda no início do século passado, a Rússia detinha uma das maiores populações da Europa, vivia em um regime absolutista sustentado pela nobreza agrária, dona de quase todas as terras cultiváveis. Esta origem tinham os jovens integrantes do já oficializado exército e os principais dirigentes da igreja ortodoxa russa. A população russa era predominantemente agrária e analfabeta. Sua indústria surgia lentamente, e com ela um proletariado, um pouco mais instruído que os agricultores e com maior força de reivindicação. Os maiores problemas que a Rússia enfrentava eram a pobreza e as péssimas condições de vida nas quais 80% de sua população encontrava-se. Ao mesmo tempo, as ideias socialistas penetravam silenciosamente no país proliferando o ódio pela nobreza rural e por aquelas condições de subvida.

Com a industrialização e o aumento nas relações com a Europa, entram na Rússia novas correntes políticas que logo se opõe ao retrógrado absolutismo vigente. Entre as principais, destacamos a que deu origem ao partido operário social democrata russo, inspirada nos ideais marxistas. Este foi fortemente combatido e praticamente extinto na Rússia, contudo continuava articulando-se no exterior. Anos mais tarde, se ramificou em dois famosos grupos: o primeiro chamado de *menchevique* - pois tinham a minoria dos votos – e liderado por Martov; defendia a ideia de que os trabalhadores poderiam conquistar o poder participando das

atividades políticas e acreditavam que somente após a instalação completa do capitalismo deveria dar-se início as revoluções. O segundo, conhecido por *bolchevique* – pois detinham a maioria dos votos- e liderado por Lênin defendia a implementação da ditadura do proletariado, que só seria tangível através de lutas revolucionárias.

Em meio a um turbulento cenário econômico, político e social, tanto interno como externo, o czar Nicolau II se envolveu na I Grande Guerra, o que acarretou drama, mortes e mais miséria para a população. Na tentativa de conter uma greve em Petrogrado, Nicolau II ordena ao exército atacar os militantes que, no entanto torna-se contra ele, agravando a situação e generalizando o conflito. Em março de 1917, o czar é deposto e começa a Revolução Russa.

Depois de um curto período de governo democrático burguês, foi assinado um tratado de paz com a Alemanha. As grandes propriedades privadas foram confiscadas e a economia passou por um processo de estatização. Finda a guerra civil, o partido *bolchevique* consolidou-se no poder, mudando seu nome para partido comunista. Economicamente, a Rússia estava arrasada, sem soluções viáveis para melhorar a questão agrária e industrial. Assim, no ano de 1921, Lênin articulou várias políticas para restaurar a economia da Rússia e melhorar o padrão de vida da população. Neste sentido, permitiu que algumas empresas particulares funcionassem, aceitou a entrada de capital estrangeiro para a reconstrução do país, implementou a liberdade dos salários dos trabalhadores. No entanto, manteve sob sua judicie o comércio exterior, os bancos e as grandes indústrias.

Com a morte prematura de Lênin em 1924, começou uma disputa interna pelo poder. De um lado Trotsky, que defendia a ideia de uma revolução permanente – que deveria ser construído em escala internacional. Do outro, Stálin, que pregava o ideal de um socialismo em um só país. Stálin saiu vitorioso, Trotsky foi deportado da U.R.S.S e, em 1942, foi morto no México a mando de Stálin.

Em 1929, Stálin tornou-se ditador absoluto da União Soviética, apoiado na democracia partidária russa. Com ele instala-se uma situação de medo e terror.

Stalin, que presidiu a resultante era de ferro da URSS, era um autocrata de ferocidade, crueldade e falta de escrúpulos excepcionais, alguns poderiam dizer únicas. Poucos homens manipularam o terror em escalas mais universal. Não há dúvida que sob um outro líder do Partido Bolchevique os sofrimentos dos povos da URSS teriam sido minimizados, e o número de vítimas, menor (HOBSBAWN, 2008, p.371).

Durante o governo de Stálin, estima-se que mais de cinco milhões de cidadãos foram presos e mais de 500 mil assassinados. Apesar disso, não podemos negar o fato de que uma economia devastada como a da Rússia precisava de medidas enérgicas para superar seus entraves. Com o apoio de parte considerável da população – exceto os camponeses que foram mais uma vez presos as terras – implementa os planos quinquenais, os quais ajudaram a reconstrução do país e na elevação do nível econômico, social e cultural da população. Este processo viria a tornar a URSS uma das superpotências mundiais.

Com a morte de Stálin em 1953, assume Nikita Khrushchev, sob seu governo, os soviéticos desfrutaram de uma pequena e moderada abertura política. O sistema russo tendia a estagnação e a inflexibilidade, tornando o interesse material em algo cada vez mais desejável. Indústrias obsoletas e mau equipadas forneciam produtos de baixa qualidade, os quais não satisfaziam a população seja quantitativamente ou qualitativamente. De fato, verifica-se que a economia russa desenvolveu-se no período em questão, todavia se questiona esta capacidade de desenvolvimento econômico. Há autores que argumentam que esta recebia auxílio de uma economia paralela e clandestina, capaz de mover bilhões de rublos em serviços privados, subornos e propinas para fazer o sistema funcionar eficientemente. Por fim, chegamos a Gorbachov, que orquestrou a abertura política.

O socialismo soviético foi prejudicado desde o seu primeiro momento, quando Lênin prometeu levar a Rússia ao socialismo - o que não ocorreu. Sendo sucedido pelo governo do terror de Stálin, marcado pela repressão, coerção e violência contra uma população, já há muito tempo carente e pela disseminação da corrupção. A URSS se caracterizava pela existência do Estado e a estatização dos meios de produção, enquanto o próprio Marx pregava a abolição deste Estado e a socialização das relações de produção. Inclusive, no livro *Socialismo Utópico ao Científico*, Engels critica os utópicos que acreditavam que estatizar seria construir o socialismo. Aboliu-se a propriedade privada, mas não se aboliram as classes sociais, que continuaram a pagar salários e a produzir mais-valia sendo que, desta forma, este “socialismo real” aplicou traços marxista dentro de um modelo capitalista de Estado. Stálin, por fim, cometeu desvio ainda maior: tornou-se um ditador absoluto que detinha controle total das vidas e pensamentos dos seus cidadãos. Isto, com certeza, também não estava previsto no modelo de Marx.

5.2 CRÍTICA À RAZÃO UTILITÁRIA

Os princípios neoclássicos foram alicerçados no utilitarismo, que teve como doutrinadores Jeremy Bentham e John Stuart Mill. O utilitarismo, ou razão utilitária transforma as ações, gestos e sentimentos humanos em meros artifícios de interesse, os quais só seriam usados para maximizar seus interesses individuais. Dentro desta concepção, o homem vive em uma busca incessante por benefícios próprios, pensando unicamente na conveniência das consequências de seus atos.

Partindo deste pressuposto, os homens seriam livres para fazer suas escolhas, não haveria assimetrias entre capital e força de trabalho e caso houvesse problemas, a culpa seria da sociedade que estaria de alguma maneira travando o bom desempenho do livre mercado. Já na concepção marxista, isso não procede. Na perspectiva histórica das classes sociais, este problema iniciou-se ainda na acumulação primitiva, no qual houve a separação dos proprietários dos meios de produção daqueles detentores apenas de sua força de trabalho. Os primeiros, só querem maximizar seus lucros e interesses. Os segundos não tem o que maximizar; lutam apenas pela sobrevivência.

O ponto questionável da visão marxista, segundo Caillé (2009), é que assim como a visão utilitária ela também coloca o interesse em papel de destaque, e não dá margem para outras motivações da ação humana o diferencial é o alcance, uma vez que os neoclássicos jogam o interesse no âmbito individual, porém Marx coletivizou o interesse:

Les variantes substantialistes du discours de l'intérêt souverain se caractérisent au contraire par la mise en avant d'un intérêt spécifique unique, supposé déterminant en dernière instance: les intérêts économiques de classe chez Marx⁵⁰ (CAILLÉ, 2009, p.16).

De uma maneira geral, tanto os principais socialistas utópicos quanto os científicos, não fogem à razão utilitária. Na íntegra de seus textos, eles negam a existência desta busca pelo interesse e tentam superar o egoísmo – com exceção de Thompson considerado um dos únicos utopistas utilitaristas, pois acreditava que a

⁵⁰ As variantes substanciais do discurso de interesse soberano se caracterizavam ao contrário pelo destaque de um interesse específico único, suposto determinante em última instância: os interesses de classe para Marx. Traduzido pela autora.

distribuição da riqueza traria paz e felicidade aos homens – mas não podemos dizer que a sociedade dos produtores de Simon, os falanstérios de Fourier e, que principalmente New Lanark de Owen, este último amigo de Thompson e Bentham, não seriam apenas teorias que maximizariam seus próprios interesses – ou os interesses de uma fatia da população. Assim como Marx, que prioriza o interesse de uma classe.

Há algum tempo, um grupo de estudiosos, associados à Revista *MAUSS*⁵¹ abrem precedentes para debates e pesquisas que apresentem outras alternativas ao comportamento humano: não somente a lógica do interesse. Com base em diversas pesquisas históricas, comportamentais (humanas e animais) e chegando no âmbito da neurociência, eles propõem formulações alternativas para a explicação das ações humanas.

Segundo Caillé (2009), sociedades arcaicas, trocavam bens não só pela necessidade de tê-los, mas também pelo contato e pela manutenção das relações entre os indivíduos. Foi também apresentado um estudo sobre a sociedade yanomami – uma das mais violentas do mundo e em geral; movida pela vingança, em que o que mais chama atenção dos pesquisadores é o respeito que tratam suas vítimas. Assim, como a empatia, comprovada pela neurociência, tantos em humanos quanto em diversas espécies de animais, sustenta e embasa as relações e foge à razão utilitária, mostrando mais uma vez que o ser humano pode ser movido por outras lógicas.

Uma nova perspectiva crítica seria considerar o interesse de classe apenas como um vetor de transformação da sociedade, mas os comportamentos não utilitários poderiam ser mobilizados para a construção de novas relações de produção (SHMIDT, 2009). Talvez a ausência desses elementos na construção do socialismo real seja a razão do seu fracasso.

⁵¹ MAUSS é a sigla em francês do movimento antiutilitário em Ciências Sociais e também é o nome de um sociólogo francês da virada do século XIX e XX, pioneiro em esboços dessa natureza.

5.3 SERIA, HOJE O SOCIALISMO POSSÍVEL?

O século XXI caracteriza-se por uma certa predominância da democracia formal. No entanto, a falta de democracia econômica, o aprofundamento das desigualdades e, sobretudo o império da mídia na formação das consciências tem impedido a difusão de propostas alternativas ao capitalismo.

Por certo, as contradições do capitalismo, crises econômicas, guerras e catástrofes ambientais colocam um dilema para a humanidade: de um lado a construção de uma nova sociabilidade baseada na igualdade e solidariedade e de outro avança rapidamente a barbárie. Esta nova sociabilidade referida deve se basear na correção dos erros do passado, em particular a falta de democracia existente nos processos revolucionários e na incorporação de outra compreensão do comportamento humano que leva em conta a capacidade dos seres humanos cooperarem e serem solidários. Ernesto Che Guevara teve esta intuição:

Corre-se o perigo de que as árvores impeçam de ver o bosque. Perseguindo a quimera de realizar o socialismo com a ajuda das armas deterioradas que nos legara o capitalismo (a mercadoria como célula econômica, a rentabilidade, o interesse material individual como alavanca, etc), pode-se chegar a um beco sem saída. E chega-se lá após percorrer uma longa distância que os caminhos se cruzam muitas vezes e onde é difícil perceber o momento no que se equivocou a rota. Entretanto, a base econômica adaptada tem feito o seu trabalho sobre o desenvolvimento da consciência. Para construir o comunismo, simultaneamente com a base material tens que se fazer o homem novo (QUIJANO, 1965)

As formas participativas na governança local, a economia solidária, a criação de redes solidárias e outras manifestações ainda em estado embrionário podem embasar uma nova sociedade que certamente terá uma evolução quantitativa como queriam os utópicos, mas que também exigirá rupturas como previam Marx e Engels e seus seguidores.

No século passado, presenciamos crises, catástrofes ecológicas e guerras. As quais a humanidade se recuperou com muita dificuldade. Na década de 90, as crises que abalaram as economias em desenvolvimento - agora nos anos 2000 - chegaram aos países desenvolvidos, como a de 2008 nos E.U.A, seguida pela da Grécia e da Irlanda, e agora Fukushima. Esta última, uma tragédia ambiental que resultou em

muitas mortes e grande caos econômico e social, no Japão, uma das maiores potências mundiais.

Isso tudo, só nos prova o quanto o capitalismo tem mostrando-se vulnerável e incapaz de resolver os problemas descritos. Nesse cenário de incertezas, em uma próxima vez, podemos não ter a mesma sorte, e acabar em um estado de calamidade e barbárie. Em suma, a humanidade ainda tem chance de escrever novas páginas, o que precisamos no momento, são medidas enérgicas capazes de mudar o ambiente e o modo como o “homem econômico” age e pensa. Esta nova sociedade poderá se chamar socialismo? Não sei. Economia solidária? Talvez.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante esta rápida retrospectiva dos principais modelos, chamados hoje de socialistas, da Antiguidade até a U.R.S.S, procuramos escrever as mais diversas linhas de pensamento que floresciam a cada crise, na busca sem fim que vivem os homens atrás de seus sonhos. De uma maneira geral, os pontos de convergência entre eles são pouco numerosos; uma teoria pode ter vindo da outra, mas cada uma possui núcleo próprio, por vezes, diferente das anteriores.

No entanto, as críticas destinadas aos utopistas são um pouco mais concisas e diretas, sendo as três principais conforme segue: a primeira tange a concepção racionalista que eles possuíam, propondo que a verdade por si só seria suficiente para triunfar sobre o erro; a segunda trata do pouco conhecimento da natureza humana, da possibilidade de que, os autores utópicos quisessem dar limites ao seres humanos, tratando-os como marionetes, para poder criar o homem perfeito; por último, a dificuldade em aceitar métodos revolucionários ou reformistas como única força capaz de fazer uma transformação.

Por esta razão, Marx e Engels, classificaram Owen, Fourier, Saint-Simon e tantos outros, de socialistas utópicos, por não proporem caminhos para mudanças efetivas na sociedade. Assim, fugindo da realidade, refugiavam-se dentro de suas utopias. Contudo, apesar de Marx e Engels preconizarem as lutas de classe e a revolução do proletariado – através do materialismo histórico – criando o socialismo científico, foi um tanto arrogante de sua parte auto classificarem-se de científicos, relegando os demais a utópicos.

Com certeza, os “científicos” construíram seu sistema em reação às grandes utopias, porém mesmo a obra mais objetiva ao falar do futuro cai no escopo da quimera. Raramente encontraremos nas obras de Marx uma descrição da comunidade no pós socialismo e, caso a encontrarmos nas obras de autores marxistas, elas trazem as mesmas construções que os autores do início do século XIX utilizariam – sociedade perfeita, sem males, onde o indivíduo seria alegre, sadio, honesto e tranquilo. Até mesmo Trotski, não exita em sonhar ao escrever:

O homem se tornará incomensuravelmente mais forte, mais sábio e mais sutil; seu corpo se tornará mais harmonioso, seus movimentos mais ritmados, sua voz mais musical. As formas de vida se tornarão

dinamicamente belas. O homem médio se elevará, à altura de um Aristóteles, de um Goethe, de um Marx (PETITFIL, 1978, p.150).

Mais ainda que o marxismo, o anarquismo é um terreno onde a utopia pode proliferar-se, pois enquanto o próprio Marx e os marxistas creem na necessidade de um período de transição entre a sociedade capitalista e a sociedade socialistas, os anarquistas prevêm que a sociedade ideal pode entrar em vigor no dia seguinte a revolução. Sendo assim, dos falanstérios de Fourier, passando pela abolição do Estado de Marx, até o banco popular de Proudhon, todos provaram do gosto da utopia.

Com o fim da U.R.S.S em 91, o sonho do marxismo leninista, a primeira grande experiência socialista da história, ruiu; rendeu-se ao capitalismo, a corrupção e ao desejo material. Quanto a este aspecto, notamos pouca diferença entre os estados capitalistas e os países socialistas, visto que ambos veem sofrendo as mesmas degradações ambientais, as mesmas restrições, as mesmas desigualdades, os mesmos preconceitos e as mesmas padronizações. Ambos caminham para as mesmas utopias contemporâneas, as quais sofreram profundas mudanças desde os séculos passados.

Aquilo que se ousava sonhar no passado tornou-se banal hoje em dia. Diminuir o tempo de trabalho em prol do lazer, melhorar a qualidade de vida, produzir inúmeros e mais variados objetos em grande escala tornou-se possível com o progresso da ciência e da tecnologia. Ao que nos parece, concretizar este desejo tirou o sabor de sonhar. Vivemos na era das incertezas, quando os utopistas não preveem mais cidades maravilhosas. Falam cada vez menos de libertação, de felicidade e de harmonia e cada vez mais, de crescimento populacional, poluição, fome e miséria. O tom otimista e sonhador foram substituídos por um tom ousado e cético e as novas contra utopias descrevem um futuro apocalíptico para o início do novo século.

Em consonância, o homem econômico, movido pelo interesse e pelo desejo material, torna verdadeira a premonição das contra utopias e leva a sociedade atual para uma disjuntiva: ou se muda radicalmente o pensamento, se encaminhando para uma sociedade mais igual, mais democrática e mais social; ou se avança celeremente para a selvageria. Esta nova sociabilidade traria a paz, tão sonhada pelos homens, embasada pelas razões das ações humanas que escapem à utilitária; as redes sociais se ajudariam mutuamente, a economia solidária e o

desenvolvimento sustentável prevaleceriam, e a solidariedade e a igualdade reinariam dentro de um sistema político participativo inclusivo, acolhedor e provedor de oportunidades.

São inerentes ao homem a insatisfação e a inconformidade, que por certo, o levarão a criar, imaginar e sonhar com justiça, igualdade, paz, fraternidade e liberdade. Tanto isto é verdade que ele conserva no fundo do seu coração a ingenuidade, o bucolismo e a nostalgia do mundo ideal. Por conseguinte, qualquer projeto social, mesmo o mais objetivo, o mais realista, o mais “científico”, comporta, na sua essência, sua parte de utopia, pelo simples fato de compor um projeto de um ideal não concretizado, posto que a complexidade e a diversidade do mundo o impedirão de estabelecer-se plenamente na realidade. Por fim, enfatizo as palavras de Victor Hugo: “não há nada como o sonho para criar o futuro. Utopia hoje, carne e osso amanhã”.

REFERÊNCIAS

ANSART, Pierre. **Saint-Simon**. Paris: Editora Presses Universitaires de France, 1969.

ARAÚJO, Fernando A. S. **Manifesto dos Iguais: Gracchus Babeuf, 1796**. Disponível em: <<http://www.marxists.org/portugues/babeuf/1796/mes/manifesto.htm>>. Acesso em: 15 mai. 2011

ARMAND, Félix. **Fourier textes choisis**. Paris: Editora Sociales, 1953.

BARTHES, Roland. **Sade, Fourier, Loyola**. Paris: Editora Du Seuil, 1971.

BRAVO, Gian Mario. **Les socialistes avant Marx II**. Paris: Editora Maspero, 1970.

BUBER, Martin. **O socialismo utópico**. São Paulo: Perspectiva. São Paulo, 1986.

CAILLÉ, Alain. **Théorie anti-utilitarisme de l'acjon, fragments d'une sociologie générale**. Paris: Du Mauss, 2009.

DUMONT, René. **A utopia ou a morte**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

ENGELS, Friedrich. **Do socialismo utópico ao científico**. São Paulo: Centauro. 2005.

FERREIRA FILHO, Manoel G. et. alli. **Liberdades Públicas**. São Paulo: Saraiva, 1978.

FRANÇOIS, Marie. **El falansterio**: textos seleccionados de Charles Fourier. Buenos Aires: Godot. 2009.

GURVITCH, G. **Les fondateurs français de la sociologie contemporaine: I Saint-Simon**. Paris: Centre de Documentation Universitaire, 1955.

HARRISON, Jonh. F .C. **Utopianism and education: Robert Owen and the owenites**. New York: Teachers College Press, 1968.

HOBBSAWM, Eric. **A era das revoluções: Europa 1789-1848.** São Paulo: Paz e Terra, 2007.

HOBBSAWM, Eric. **A era do capital: 1848 – 1875.** São Paulo: Paz e Terra, 2004.

HOBBSAWN, Eric. **Era dos extremos: O breve século XX 1914-1991.** São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

KONDER, Leandro. **Fourier, o socialismo do prazer.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

MARQUES, J. Luiz. **O socialismo.** Porto Alegre: UFRGS, 1991.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **La conception matérialiste de l'histoire.** Bibliothèque Jeunes. Montreuil-sous-Bois, 2008.

MARX, Karl. **Les luttes de classes em france.** França: Editora Folio Histoire, 2007.

MARX, Karl. **Manifesto do partido comunista.** Porto Alegre: L&PM, 2010.

MARX, Karl. **The eighteenth brumaire of Louis Bonaparte.** New York: Ed Cosimo, 2008.

MORE, Thomes. **A utopia.** Brasília: Editora da Unb, 1982.

MUSSO, Pierre. **Saint Simon et le saint-simonisme.** Paris: PUF, 1999.

ONFRAY, Michael. **O ventre dos filósofos: crítica da razão dietética.** Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1990.

OWEN, Robert. **A new view of society and, report to the country of lanark.** Penguin. Harmondsworth: Editora Middlesex, 1969.

PETITFILS, Jean-Christian. **Os socialismos utópicos.** Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1978.

PLATÃO. **A república**. São Paulo: Editora nova cultural Ltda., 2000.

QUIJANO, Carlos. **O Socialismo e o Homem em Cuba: Ernesto 'Che' Guevara 1965**. Disponível em: <http://www.marxists.org/portugues/guevara/1965/03/homem_cuba.htm>. Acesso em: 15 mai. 2011.

RIST, Charles. **Histoire des doctrines économiques**. Paris: Editora French, 1926.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens**. Porto Alegre: Editora L&PM, 2010.

RUSS, Jacqueline. **O socialismo utópico**. São Paulo: Editora Martins Fontes LTDA, 1991.

SAINT-SIMON. **Le nouveau christianisme**. Paris, 1825. (google books)

SCHMIDT, Carlos. **Economia solidária e desenvolvimento**. Porto Alegre, 2010. Artigo apresentado no seminário na cátedra Florestan Fernandes do IPEA da UFRGS.

SÉBASTIEN, Charléty. **Histoire du saint-simonisme**. Paris: Editora Mediations, 1965.

SINGER, Paul. **Introdução a economia solidária**. São Paulo: Ed Fund Perseu Abramo, 2002.

THOMPSON, E. P. **The making of the english working class**. Grã-Bretanha: Ed Internacional e Pan American, 1968.

USP. **Declaração de direitos do homem e do cidadão – 1789**. Disponível em: <<http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/Documentos-antiores-%C3%A0-cria%C3%A7%C3%A3o-da-Sociedade-das-Na%C3%A7%C3%B5es-at%C3%A9-1919/declaracao-de-direitos-do-homem-e-do-cidadao-1789.html>>. Acesso em: 15 mai. 2011.